

# Falta misandria no movimento Trans

(Versão: 2015nov12b)



Às vezes a gente precisa se tornar visível  
pra encontrar as pessoas parecidas com a gente.  
*Entre em contato!*

eduardoochs@gmail.com

<https://www.facebook.com/eduardo.ochs>

<http://angg.twu.net/>

<http://angg.twu.net/gender.html>

<http://angg.twu.net/falta-misandria-2.html>

<http://angg.twu.net/LATEX/falta-misandria-a5.pdf>

Dica: na versão online - o PDF em A5 - os links funcionam.

Índice:

# 1 “Põe a cara no sol”

Quando você tem certeza de que é trans desde cedo, e você sai do armário cedo, põe a cara no sol, e leva porrada pra caralho porque está lutando pra ser feliz seus problemas são uns; por exemplo, todas as zilhões de pessoas tipo o segurança do banheiro do shopping, que é um louco recalcado que nunca nem pôde pensar em cortar o cabelo de um jeito diferente<sup>1</sup>, e que vai tentar te punir pela tua coragem e pela tua liberdade.

Quando você tem certeza de que é trans desde cedo e leva porrada pra caralho em todo lugar você vê transfobia em todo lugar e tem mais é que denunciar mesmo.

Quando você cria a certeza de que é trans bem mais tarde, depois de uma vida inteira tentando ser meio genderless e achando que valia a pena poder passar por cis na rua e ser meio invisível, como eu<sup>2</sup> - porque afinal de contas as pessoas que podem te endender são mais raras que príncipes encantados - os problemas são outros.

Eu levei bem pouca porrada “externa” porque eu previa quais eram as áreas perigosas, e não me arriscava nelas... mas aos poucos eu vi que o que pareciam “áreas perigosas” pra mim eram coisas enormes, como as que as outras pessoas chamam de “vida afetiva”, “vida sexual”, e até “vida social”, porque “vida social” inclui gente falando com naturalidade em mesas de bar sobre desejo, galinhagem, namoros e família, e a sensação de que tudo isto era impossível pra mim tava me destruindo.

Eu não tenho como falar em primeira mão sobre sofrer transfobia, mas posso repassar centenas de notícias sobre isso, e centenas de relatos em primeira pessoa fantásticos de gente que escreve sobre as suas vivências brilhantemente bem. O link tá aqui<sup>3</sup> - espero que isto me dispense de falar sobre transfobia eu mesmo.

## 2 Expulsão

Me expulsaram<sup>4</sup> de um grupo trans do Facebook em maio de 2015, e essa expulsão me doeu bem mais do que acho que deveria.

Disseram que eu estava “relativizando transfobia” e “concordando com um texto transfóbico”. A minha leitura do que aconteceu é a seguinte. Os

---

<sup>1</sup><http://angg.twu.net/2014-xs.html#3>

<sup>2</sup><http://angg.twu.net/2014-tr.html>

<sup>3</sup><http://angg.twu.net/trans-links.html>

<sup>4</sup><http://angg.twu.net/falta-misandria.html>

problemas das pessoas “trans desde cedo” são tão grandes e urgentes<sup>5</sup> que quando a gente olha pra eles não sobra espaço pra mais nada. Talvez os problemas das pessoas “trans tardias”, em especial com as que se treinaram pra não dar muita bola pra própria aparência, como eu, sejam totalmente incompatíveis com os das pessoas “trans desde cedo”, e não possam ser discutidos nos mesmos espaços.

Exemplo: pra mim tem valido a pena esclarecer em que sentidos eu me identifico muito mais com mulheres e nada com homens - mas isso é um trabalho *enorme*, algumas respostas e explicações só me surgem depois de eu procurar por elas por anos... e em certos espaços se eu puxo assunto sobre isso pra saber como as outras pessoas conseguiram as explicações delas parece que eu estou cobrando que todas as pessoas trans tenham explicações tão sólidas quanto as que eu tento exigir de mim - e aí parece que eu estou questionando elas de um jeito que quase ninguém questiona as pessoas cis.

### 3 Proibições

É muito agressivo a gente dizer “você não é mulher porque x, y, z”, e a gente vê as pessoas que dizem isso como idiotas, fundamentalistas, transfóbicas, etc... Então há uma proibição entre as pessoas “legais” de *dizer* isto, mas esta proibição é problemática porque é inevitável a gente *pensar* sobre como a gente constitui a nossa personalidade com elementos “masculinos” e “femininos”...

Deveria haver mais espaço, pelo menos entre as pessoas “legais” que estão construindo seus gêneros permanentemente, pra gente conversar sobre essas coisas *em nós* - incluindo, por exemplo, que fulane fez certa coisa grossa e estúpida que pra gente é coisa de ômi, ou que a gente queria ter conseguido fazer direito certa gentileza mas travou no meio porque ela nos pareceu feminina demais.

O “masculino” era o que eu era obrigado a ser, e que era uma farsa e uma prisão. O “feminino” era mais verdadeiro, mas era proibido. Aos poucos eu fui encontrando jeitos de contornar *algumas* das proibições sem levar muita porrada<sup>6</sup>. A gente devia poder conversar mais sobre as proibições, que cada pessoa percebe diferente e que variam de lugar pra lugar; sobre medos, reais e imaginários; sobre os truques que cada um de nós descobriu ou inventou.

---

<sup>5</sup>[https://en.wikipedia.org/wiki/Maslow%27s\\_hierarchy\\_of\\_needs](https://en.wikipedia.org/wiki/Maslow%27s_hierarchy_of_needs)

<sup>6</sup><http://angg.twu.net/2014-xs.html#3>

## 4 Trans de verdade

Até pouco tempo atrás quando alguém dizia que eu não sou trans de verdade eu ficava  *muito* incomodado - e eu sumia, e ia me angustiar escondido num canto.

Agora eu tenho a resposta.

Cara, *eu* sou de verdade. *Você* é que é só uma cópia.

Você se encaixou em padrões já existentes pra te verem como trans - em algo descrito por teorias médicas/psiquiátricas, ou em algum grupo reconhecido socialmente, ou você se apóia em alguma “teoria de gênero” dessas que diz que basta você se identificar com o gênero tal e fazer mais X, Y e Z, e aí você é do gênero tal.

Quando alguém não acredita nas teorias médicas ou etc nas quais você se apóia, aí babau - a pessoa diz que você não é trans, você é uma farsa, você é doente.

O meu trabalho pra conseguir inteligibilidade social é dez vezes melhor do que o seu. Ao invés de eu querer que as pessoas aceitem alguma teoria, eu exponho as minhas questões de um jeito que gera diálogo.

## 5 Allen Ginsberg e a NAMBLA

Lewis Carroll<sup>7</sup> era pedófilo, Monteiro Lobato era racista, a Milfwtf<sup>8</sup> é transfóbica, portanto devemos detestar tudo que eles escreveram, denunciá-los publicamente e organizar boicotes contra eles - e contra as pessoas que os defendem, e depois contra as pessoas que não os atacam.

Os argumentos pra minha expulsão<sup>9</sup> do “Transfeminismo <3” foram que eu “relativizei transfobia” e “concordei com uma página transfóbica”.

No auge da demonização da pedofilia, na década de 90, o Allen Ginsberg se filiou publicamente à NAMBLA<sup>10</sup> para apoiá-la. O argumento dele era mais ou menos o seguinte. Décadas antes todas as sexualidades e gêneros diferentes dos “normais” eram vistos como perversões, crimes, aberrações. Agora que gays e lésbicas estavam conseguindo alguma aceitação social eles estavam tentando esconder os tipos menos “respeitáveis” dentre eles, como os gays afeminados escandalosos e as lésbicas masculinas, e demonizar os

---

<sup>7</sup>[http://www.dailyecho.co.uk/news/5046986.Call\\_to\\_celebrate\\_life\\_of\\_the\\_real\\_Alice/](http://www.dailyecho.co.uk/news/5046986.Call_to_celebrate_life_of_the_real_Alice/)

<sup>8</sup><https://milfwtf.wordpress.com/2014/06/23/sobre-pedofilia-e-a-minha-primeira-historia-de-horror/>

<sup>9</sup><http://angg.twu.net/falta-misandria.html>

<sup>10</sup>[https://en.wikipedia.org/wiki/North\\_American\\_Man/Boy\\_Love\\_Association](https://en.wikipedia.org/wiki/North_American_Man/Boy_Love_Association)

pedófilos e também, em menor grau, as feministas pró-porn e o povo de BDSM. Os pedófilos daquele momento - década de 90 - correspondiam *exatamente* aos gays de 40 anos antes.

Esse argumento do Allen Ginsberg é de uma profundidade *assombrosa*. Como uma história Sufi, à medida que a gente pensa nele, mesmo que só lembrando dele involuntariamente, ao longo de dias, meses e anos, ele vai revelando mais camadas de significado, mais elementos implícitos, mais interpretações, mais jeitos de dividir<sup>11</sup> as partes dele entre literal e performance.

Agora deixa eu contrastar o argumento do Allen Ginsberg com algo bem comum hoje em dia. Uma pessoa X posta no Facebook que todo mundo tem que boicotar tudo que tem a ver com o Lewis Carroll, porque ele é um pedófilo FDP. Os amigos dela vão seguir o que ela diz e boicotar o Lewis Carroll também, imagino - se não for isso, se os amigos dela disserem “lá vem aquela chata de novo”, então qual é o sentido de propor o boicote, se a proposta vai funcionar ao contrário do que deveria?

Qual é o *efeito* de um argumento ou de uma proposta - de boicote, ou seja lá do que for? O efeito de um argumento como o do Allen Ginsberg é fazer as pessoas pensarem sob vários pontos de vista e discutirem com cada vez mais profundidade, tanto na fase inicial em que metade das pessoas do grupo querem dar porrada nele e botar ele pra fora, quanto depois. E os efeitos de propor num post de 4 linhas um boicote ao Lewis Carroll, ou de expulsar alguém que, como eu, estava “relativizando transfobia” e “concordando com um texto transfóbico”?

## 6 Heloísa

Poucos depois de me expulsarem do “Transfeminismo <3” eu tive o seguinte diálogo com um conhecida, neste thread aqui<sup>12</sup>.

**Heloisa:** Olá. Eu sou feminista interseccional. Se você é machista ou anti-feminismo: váza.

Se você é uma mulher feminista, mas seu feminismo é trans-excludente, se você deslegitima identidades e subatividades trans binárias ou não binárias, se você deslegitima a bissexualidade ou se você acha que você tem `_direito_` a ter banheiros só pra você ou `_espaços_` só entre mulheres com bucetas - este aqui não é seu lugar. Faça um favor a nós duas e ponha-se para fora do meu facebook. Por que

---

<sup>11</sup><http://angg.twu.net/zamm-13.html#vu>

<sup>12</sup><https://www.facebook.com/heloisamelino/posts/10204111261212312>



se eu vir publicação transfóbica, eu vou cair em cima. E daí você não me venha com argumentos de \_sororidade\_, porque isso que você chama de sororidade eu chamo de opressão e silenciamento.

**Eu:** Eu sou trans mas tou aos poucos escorrendo pra fora dos grupos trans porque FALTA MISANDRIA NO MOVIMENTO TRANS!!! A gente fica batendo em TERFs só porque pega bem - porque é uma unanimidade óbvia que elas são nossas inimigas - e porque a gente tem medo de ao invés disso atacar os ômis e uns comportamentos de ômis que a gente às vezes têm sem perceber - como falta de tato, invasividade, total desrespeito pelos gatilhos dos outros -, porque tem muita gente trans que gosta de ômis...

Eu passei três anos sem conseguir olhar nos olhos de ninguém, por sequelas de violência sexual - eu ainda tenho muitos restos de fobias - e nos últimos dias eu li alguns textos de RADs e TERFs sobre como elas tentam lidar com fobias e sequelas, tentam criar espaços seguros, e coisas assim, e tive a sensação de que eu me identifico muito mais com esses temas do que com 95% do que eu vejo as pessoas trans discutindo... e tou com uma sensação muito forte de que eu quero encontrar algum jeito de respeitar as fobias delas ao invés de brigar com elas.

Se você achar que isso é transfobia ou traição da minha parte e quiser me deletar, tudo bem... a gente já se viu ao vivo mas a gente nunca conversou, talvez você seja ômi. =\

**Heloisa:** Eduardo, acho que é importante levar em conta que sua particularidade não é universal. Nenhuma particularidade é universal. Universalizar é excluir. Se você se identifica com as estratégias de lidar com as opressões, mas também nota o quanto aqueles grupos são excludentes, talvez seja uma boa abertura para você pensar em como adaptar aquelas estratégias pra outras realidades. Amigüe, não se iluda. As feministas radicais NÃO VÃO aceitar sua integração, mas você pode usar as estratégias com uma metodologia de consciência de oposição diferencial. Eu acho péssimo dar referências

bibliográficas, mas não me sinto legitimada pra aprofundar esse debate, de forma que sugiro a leitura de Chela Sandoval, *Methodology of the oppressed*. Ela fala, justamente, sobre como criar pontos comuns em diferentes inquietações.

**Eu:** Acabei de conseguir baixar um PDF do “Methodology of the Oppressed”, e tou lendo. A introdução da Angela Davis é ótima. Obrigado!

Confesso que quando eu li a sua frase “As feministas radicais NÃO VÃO aceitar sua integração” a primeira coisa que eu pensei foi: vish, a Heloísa é uma pessoa gregária, e eu não - acho que nós temos noções *completamente* diferentes de “pertencimento”, como é que eu explico qual é a minha?... Mas logo depois vi que eu não conseguiria explicar de improviso - então vou pôr isso na pilha das coisas que eu algum dia quero esclarecer...

Eu fiquei de tentar esclarecer qual é a minha noção de “pertencimento”. Talvez um resumo curto funcione melhor do que algo bem detalhado; lá vai.

O único “grupo” ao qual eu já pertenci de verdade foi o movimento Free Software. As pessoas não costumavam se encontrar ao vivo, e isso era *bom*. As discussões eram praticamente todas em mailing lists públicas, nas quais ninguém respondia na hora<sup>13</sup> - a gente sempre gastava algumas horas, ou um dia ou dois, pensando na nossa resposta, e depois escrevendo-a e revisando-a, antes de mandá-la. A nossa *reputação* era feita principalmente pela qualidade do que a gente escrevia - mensagens e software - que era o que alguém encontraria pesquisando pelo nosso nome nas ferramentas de busca da época.

Eu - e acho que a maior parte das outras pessoas - íamos parar no movimento do Free Software porque a gente queria aprender a programar, e a gente queria aprender a programar porque nós queríamos virar fodões em algo que nos era acessível, e nós éramos uns nerds socialmente ineptos. Aos pouquinhos a gente aprendia a usar os programas que já existiam e a fazer os nossos; aprendíamos a fazer boas perguntas<sup>14</sup> e a responder as dos outros; líamos coisas que os outros recomendavam e recomendávamos as melhores coisas que conhecíamos; *aprendíamos a criar nossas homepages e a disponibilizar nossas coisas lá* - e neste processo passávamos de “girinos”, que mal sabiam fazer uma pergunta, para *peessoas públicas*... nós nos *empoderávamos*, e o que

---

<sup>13</sup><http://angg.twu.net/e/facebook.e.html#rushkoff>

<sup>14</sup><http://www.catb.org/esr/faqs/smart-questions.html>

produzíamos e disponibilizávamos ajudava as próximas pessoas a poderem aprender e se empoderar mais rápido ainda.

“Pertencer” ao movimento Free Software queria dizer acessar o material já produzido e produzir o nosso. O foco era *produção*, e o empoderamento era consequência. Matar tempo com outras pessoas do movimento, ir pro bar falar besteira, fazer as piadas certas, etc, tudo isto era irrelevante.

“Ficar com cara de tacho na mesa do bar” tem sido uma das minhas expressões preferidas pra descrever o estado de mutismo, paralisia e medo no qual eu ficava em muitas situações sociais, e do qual eu tento sair.

Se eu leio textos de feministas radicais, produzo a partir deles, e eles me empoderam, no sentido de que eles me ajudam a virar uma “pessoa pública” que fala e se posiciona ao invés de ficar muda e paralisada, então eu estou “pertencendo” ao mundo das (idéias das) feministas radicais no mesmo sentido em que “pertencia” ao movimento Free Software. Nunca me ocorreu a idéia de ir tomar cerveja com as feministas radicais ou pedir pra ser aceito nos mesmos espaços físicos que elas...

## 7 Inglês

Quando a gente cita um livro em Inglês é comum as pessoas ficarem putas da vida, acharem a gente metido e dizerem que ninguém é obrigado a saber Inglês.

“Ninguém é obrigado a saber Inglês” é uma fórmula curta que todo mundo entende. Ela tem pressupostos subentendidos que são considerados “óbvios” - uma noção de hierarquia, privilégios, e de “elite” versus “pessoas comuns”.

Eu adoraria conseguir fórmulas curtas, *inteligíveis*, que expressassem problemas meus - por exemplo: “ninguém é obrigado a saber conversar no bar”, “ninguém é obrigado a saber beber cerveja”, “ninguém é obrigado a saber dar pinta”, “ninguém é obrigado a saber lidar com machistas”, “ninguém é obrigado a saber lidar com seu corpo e seus desejos”, “ninguém é obrigado a ter vida afetiva/sexual”, etc.

Ler muito, aprender Inglês, treinar até saber escrever bem, etc, são coisas que não dependem só de oportunidades e estrutura familiar - dependem de um *investimento de energia* enorme que faz muito mais sentido quando as coisas de pessoas “normais”, como brincar na rua quando a gente é criança e namorar quando a gente é mais velho, nos são muito difíceis.

## 8 Reinventar a roda

Um conhecido que dá aula numa universidade do Nordeste pediu pra conversar comigo por chat sobre a situação onde ele trabalha - que é parecida com a que me motivou a escrever o “Saia do seu quadradinho”<sup>15</sup> - e nós conversamos uma hora ou duas. Tem várias coisas absurdas acontecendo lá, e quem tenta denunciá-las sofre retaliações. Além disso, praticamente todo mundo ridiculariza quem tenta fazer algo, dizendo “não vai dar em nada”. Esse meu conhecido contou que estava pensando em criar um grupo na internet pra discutir como as pessoas podem denunciar coisas de modos mais eficazes e com mais segurança, e quando ele contou isso eu automaticamente me imaginei no lugar de uma pessoa convidada pra fazer parte do grupo, que se pergunta: “será que eu quero fazer parte disso? Será que eu quero investir tempo e energia nesse grupo?”... e eu me vi respondendo “*não*”, e o grande motivo era a sensação de que as pessoas do grupo estavam tentando reinventar a roda, redescobrimdo tudo sozinhas, ao invés de lerem e compartilharem uma quantidade colossal de textos de ativistas que estão disponíveis por aí...

## 9 “Aqui se pensa bem”

Às vezes a gente se engaja numa causa social que não é a nossa porque a gente quer salvar o mundo um pouquinho - e porque a gente está de saco cheio de estar cercado de injustiças e não poder sequer pensar sobre elas sem ser ridicularizado e as pessoas dizerem “não adianta nada”. Às vezes a gente escolhe uma causa porque ela é a mais gritante e mais urgente, e algo fez com que ela virasse notícia nos últimos dias. Mas eu tenho a sensação de que o que mais faz com que a gente permaneça numa causa e num grupo é a sensação de que “aqui se pensa *bem*”: “aqui eu consigo ferramentas pra nunca mais viver cercado de gente que me ridiculariza e me manda parar de pensar”. Ou seja, a gente se liga a uma causa meio porque a causa é importante em si, e meio porque a gente cresce, e “se empodera”, se envolvendo com ela.

---

<sup>15</sup><http://angg.twu.net/quadradinho.html>

# Corpo

## 10 Aspecto físico

Eu tou em tratamento hormonal há 9 meses. Meu corpo tá mudando, e meu cabelo também, mas ainda não mudaram o suficiente.

Às vezes alguma pessoa “muito trans” reclama de mim porque me acha “pouco trans” - porque eu ainda não visto roupas femininas nem maquiagem, nem peço pra me tratarem no feminino, e daí não soffro discriminação nem transfobia.

Eu ficava me perguntando o que é “ser mulher” pra essas pessoas “muito trans” que me estranham... mas agora acho que hoje em dia tenho perguntas bem melhores do que “o que é ser mulher pra você?” - tipo: “quando é que você viu que continuar a ser, ou parecer, cis, era insuportável? Era insuportável porquê, de que jeito?...”

Eu andei escrevendo sobre os meus motivos pra transicionar<sup>16</sup>. O aspecto físico era algo secundário pra mim, o central era eu poder sinalizar que eu tinha tentado fazer algum tipo de “papel de homem” durante décadas, de muitos jeitos, e sempre tinha dado muito errado, e agora foda-se tudo, esse negócio de “homem” é uma farsa que eu não aguento mais.

O central pra mim é que eu funciono de um jeito completamente diferente do “lavou, tá novo”.

Quanto ao aspecto físico - as mudanças - pôxa, deixa eu lidar com isso com mais tempo. Eu passei a minha vida “de homem” mal conseguindo me olhar no espelho, e aproveitando que eu podia ser bem largado. Por enquanto ainda é prático eu ficar mais ou menos invisível.

## 11 E aí, comeu?

Às vezes eu tentava contar sobre alguém por quem eu tinha ficado encantado, e conversado durante horas sobre coisas quase inimagináveis, pra amigos meus que só ficavam perguntando: “e aí, comeu?”

Tem assuntos que impedem outros. A obsessão das pessoas por sexo fez com que eu tivesse que procurar os nichos - raríssimos - onde estavam as pessoas que, como eu, tinham carências emocionais muito maiores do que as carências sexuais. Nesses nichos a gente conversava sobre pessoas e relacionamentos, quase nunca sobre sexo.

Em julho/2015 uma amiga-de-amigos fez um post<sup>17</sup> no Facebook que eu achei corajosíssimo, falando de como a coisa que ela mais queria é ter uma

---

<sup>16</sup><http://angg.twu.net/s-c-r.html>

<sup>17</sup><https://www.facebook.com/sweetestacidgil/posts/1152200968130012>

vida afetiva normal, e como isso acaba sendo difícil para pessoas trans. Eu pedi correndo pra virar amiga dela, e contei que eu tou há meses escrevendo sobre outras coisas mas tentando chegar exatamente aí... só que era como se o termo "vida afetiva" fosse algo tão absurdo de mencionar, tão ininteligível, que eu tivesse que preparar o caminho falando de centenas de outras coisas antes.

Outras pessoas trans que eu conheço têm postado no Facebook sobre cantadas absurdas que elas levam tanto "no mundo real" quanto online, e os foras que elas dão nos caras, e as grosserias que elas recebem de volta.

Fiquei pensando sobre como a gente *constrói relacionamentos*. Muita gente que eu conheço começa por tesão e sexo, e daí *algumas* relações com alguém com quem transar era ótimo depois viram algo mais duradouro e mais profundo.

Durante décadas eu tentei conversar como a minha mãe sobre como eu tentava sinalizar certas coisas claramente pra poder encontrar pessoas compatíveis comigo e a gente começar relações com as bases certas. Ela não entendia - ela achava que eu estava complicando tudo, que relações aconteciam naturalmente, era só a gente deixar acontecer sem racionalizar demais. Aí, tentando ver isso como um conselho, eu tentava não pensar, e apagar os traços do que eu já tinha pensado de um jeito parecido com apagar os "pensamentos de viado" pra nunca nem lembrar que eu já tinha pensado eles.

Hoje em dia eu acho que quase todas as relações que acontecem "naturalmente" vão ter uma bagagem enorme de padrões sociais - a gente vai ser assombrado pelos padrões de sexo e beleza que a gente vê nas revistas, filmes e TV, e a gente vai ter que lidar com família e amigos dizendo que a gente deveria estar com uma pessoa diferente e do jeito e tal e tal - e a gente não vai ter ferramentas suficientes pra lidar com tudo isso.

Dxô contar uma coisa. Alguns dos meus relacionamentos que me deixaram as lembranças mais preciosas, e que foram com pessoas das quais eu sou muito amigo até hoje, foram sem ou praticamente sem sexo; dois desses foram com pessoas que tinham com seus próprios corpos uma relação mais ou menos tão difícil quanto a que eu tinha com o meu. Cada um de nós era um "porto seguro" um pro outro; nós começamos esses relacionamentos frágeis e arrebatados, e nos reconstruímos juntos.

É praticamente impossível falar sobre esses relacionamentos no Facebook.

## 12 Blindagem emocional

Outro dia uma amiga postou este texto<sup>18</sup>, que tem um termo que eu vou passar a usar: *blindagem emocional*. A blindagem emocional é um elemento importante da *cultura da galinragem* na qual a gente vive - nela uma das coisas que dá mais pontos de valor na hierarquia social é a sua *capacidade de galinhar*, isto é, de pegar alguém (e alguém socialmente aceitável!) rápido, e de nunca ficar solteiro e sem sexo durante muito tempo. A sua capacidade de galinhar mostra pra todo mundo que você é uma pessoa livre, feliz, bem-sucedida, desejável, empreendedora, comunicativa, bem resolvida, etc. É claro que o jeito como se cobra capacidade de galinhar das mulheres é muito mais complicado e cheio de armadilhas que pros homens... qualquer pequeno deslize e elas viram - ta-rááá! - “galinhas”.

Só que não é sobre isso que eu quero falar. Os “double standards” da cultura da galinragem pras mulheres já forma discutidos à beça por aí.

Outros elementos que são básicos pra blindagem emocional e pra galinragem são *descartabilidade* e *intercambiabilidade*. Se um namorado, ou ficante, ou conhecido, ou amigo, diz ou faz uma besteira grande a gente se fecha pra ele - “a fila anda”! - e daqui a pouco a gente põe no lugar uma outra pessoa do “tipo” que a gente gosta.

## 13 Amigos junkies

Quando eu tinha 12 anos o Carlos apareceu na minha turma. Não lembro se ele só não se dava bem com o outro colégio ou se ele tinha sido expulso mesmo.

O Carlos era mais esquisito que eu e lia tanto ou mais do que eu, mas ele não era nada tímido. Nós viramos melhores amigos. Ele levou um ano pra me convencer a experimentar maconha... mas, bom, o que eu queria era falar dos meus amigos - os “junkies” - que eu conheci através do Carlos.

A gente não queria ser hipócrita como a sociedade em torno de nós. A gente queria encontrar jeitos de ter menos máscaras e menos segredos - mas não era nada fácil. O trabalho era em várias direções: a gente só se tornava capaz de lidar mais abertamente com os nossos próprios segredos à medida que a gente ajudava as outras pessoas com os “segredos” delas.

Esse grupo dos adolescentes junkies-cabeça me marcou por ter sido o primeiro grupo em que eu estive no qual as pessoas eram *muito* éticas - e

---

<sup>18</sup><https://negrasolidao.wordpress.com/2015/07/18/e-preciso-ter-coragem-de-estar-sozinha/>



essa ética estava sempre em discussão, e em construção.

Algumas questões que volta e meia reapareciam nas nossas discussões me marcaram muito, também. Tipo: e se a gente se apaixonar por uma pessoa socialmente mal vista, que a nossa família e os nossos amigos e conhecidos rejeitam? E: será que a gente já consegue se fascinar pelas pessoas principalmente pelo que elas são por dentro, ou a gente ainda é dominado pelos padrões sociais de beleza? Como podemos não nos fechar pra pessoas incríveis? *E se a gente se apaixonar por um amigo do mesmo sexo?*

Eu tou usando o termo “se apaixonar”, mas a gente ficava imaginando que relações amorosas só valiam a pena se fossem mais do que o que a gente tinha pelos nossos melhores amigos. Relações como as das pessoas que começam a namorar, viram umas patetas e se afastam dos amigos não nos interessavam - aliás, a gente achava que havia algo de muito errado com elas.

Depois eu caí em grupos que funcionavam ao contrário dos meus amigos adolescentes-junkies-cabeça - grupos nos quais era ridículo você se expôr emocionalmente ou você se apegar à pessoa com quem você está ficando ou namorando.

## 14 Expectativa e rejeição

Eu não entendo mais como as pessoas falam sobre sexo - qdz, como se fosse algo físico.

*Expectativa e rejeição* são temas muito maiores, e o assunto “sexo” impede que se fale deles.

Quando eu me aproximo de alguém eu tenho expectativas enormes, que eu tento esconder porque me disseram que expectativas assustam as pessoas. Tento dar o melhor de mim pra ter mais chance de no ser rejeitado; e lido com o medo de ser rejeitado *agora*, e com as memórias das rejeições passadas.

## 15 Lidar com impulsos

A lição mais importante que eu aprendi na minha adolescência é que toda vez que eu me interessasse fisicamente por uma pessoa eu ganharia um “não”.

Às vezes as pessoas tentam descobrir se eu sou gay/hetero/etc me fazendo uma pergunta que pra mim é bizarra: “por quem você sente atração?” Pôxa, qual é a relevância de por quem a gente sente atração quando a distância entre a gente sentir atração e a gente fazer algo é praticamente infinita?

Quando eu era adolescente e me percebia tendo fantasias com os meus melhores amigos isso gerava um segredo, e constrangimento, e medo - e aí

eu tinha que procurar jeitos de conversar sobre isso tudo com esses amigos... porque afinal a graça de ter melhores amigos era a gente ser o mais transparente possível com eles, e a gente volta e meia tentar conversar sobre coisas sobre as quais a gente não fazia idéia de como conversar...

Será que eu era um monstro por ter atração por amigos? Será que eu era alguém que talvez devesse até ser deletado, afastado e denunciado? Ou será que outros amigos sentiam coisas parecidas também? Como eles lidavam com isso pra que não fosse tão grave?

Tesão por *garotas* acabava sendo algo completamente diferente. Havia uma pressão social enorme pra que transformássemos os nossos *impulsos*, mesmo os menores, em *ação*, e os “experts” - estávamos cercados por eles em todo lugar - ficavam nos bombardeando incessantemente com dicas que eram sempre formulinhas de como fazer a pose certa e mandar a mentira certa.

Pra quem que, como eu, queria acima de tudo uma existência menos bruta, menos burra e menos hipócrita, lidar com a atração por amigos - longe das formulinhas e regrinhas! - acabava sendo algo bem mais promissor que tesões heteros.

Um modo bem útil de classificar as pessoas - e repara, gays procuram outros gays pra namorar, homens heteros procuram mulheres, etc; é natural “classificar” as pessoas um pouquinho quando a gente está procurando alguém que se encaixe na gente - é a partir de como elas lidam com seus impulsos, e com o *agora* e o *depois*.

Tem um vídeo bem interessante (link aqui<sup>19</sup>), de uma vlogueira que eu geralmente acho sexocêntrica demais, no qual ela fala de como as pessoas que eram esquisitas quando adolescentes ficam diferentes quando adultas das pessoas que eram “normais”, “bonitas” e “desejáveis”; e ela termina o vídeo com vários relatos que ela ouviu de casos em que as pessoas que “sempre foram bonitas” acabam sendo preteridas em entrevistas de emprego porque supõem que elas sejam meio burras, ou que vão distrair os colegas, criar situações sexuais no trabalho, etc. Eu assisti esse vídeo pensando em como cada pessoa lida com seus impulsos; nas minhas fantasias as pessoas que “sempre foram bonitas e desejáveis” têm um modo bem mais direto que as outras de lidar com os seus impulsos - pra elas interesse e atração facilmente viram dar em cima, cantadas, sexo.

Já pras pessoas  *muito esquisitas*, como eu, se eu conseguisse que os meus impulsos e desejos não fossem sentidos como inconvenientes, a minha vida

---

<sup>19</sup><http://www.youtube.com/watch?v=DeOIYcIqPOQ>

já ficariam mil vezes melhor... em poucas palavras: se a minha atração por pessoas fosse vista como *elogio*, e nunca como *cantada*.

Outro ponto importante é que eu *não queria sexo*.

Na verdade isso é o melhor resumo em poucas palavras que eu tinha para algo bem mais complicado.

Quando eu andava com os junkies a gente se preparava - ao longo de anos! - pra experimentar coisas incrivelmente fortes, como Ayahuasca e LSD, que a gente sabia que tinha gente que quando tomava não conseguia dar conta da experiência, pirava e nunca mais voltava direito.

A gente sabia que *quase* tudo que a gente veria numa experiência com psicodélicos já estava na nossa cabeça de alguma forma... tem muita coisa que a gente esconde da gente mesmo, e a gente podia se deparar com algumas coisas destas - talvez distorcidas! - e a gente ia ter que passar os meses seguintes lidando com o que a gente viu.

Além disso, não fazia sentido a gente fazer merda - com os outros ou com a gente mesmo - e depois dizer “ah, desculpa, eu tava doidão! Hahaha!”... a gente se preparava pra agir do modo mais reponsável e consequente possível, mesmo que só 10% da nossa cabeça estivesse funcionando de um modo familiar e confiável.

Essa relação que a gente tinha com drogas fortes virou a minha referência pra como eu deveria lidar com sexo. Sexo tinha o poder de mexer com tantas coisas minhas enormes, como expectativas, rejeições e medos, além das memórias que ficam como que guardadas nas tensões corporais, que só fazia sentido fazer com pessoas que soubessem que estavam fazendo algo que podia ser muito grande - as pessoas “normais”, pras quais sexo é “bom”, “natural”, “simples”, “acontece”, eram pessoas que eu tinha que evitar a todo custo.

Acho que o único modo que eu tenho pra definir as pessoas que “são o meu tipo” é falando de modos de lidar com atração, desejo, impulsos... eu sei que eu preciso de pessoas que, como eu, quando sentem tesão por alguém simplesmente deixam passar -

## 16 Consensual

Eu li este post aqui<sup>20</sup>,

“Sexo consensual” é só sexo. Usar este termo dá a entender que existe algo como “sexo não-consensual”, o que não existe. Isso é

---

<sup>20</sup><https://www.facebook.com/malenamordekai/posts/10204025786280036>

estupro. É o que isso precisa ser chamado. Só existe sexo ou estupro. Não ensine às pessoas que estupro é só outro tipo de sexo. São dois eventos estritamente diferentes. Você não diz “nadando respirando” e “nadando sem respirar”, você diz nadando e afogando.

e pensei: essa não é a divisão que importa pra mim - PRA MIM.

Às vezes uma pessoa engana a outra. Ela finge que é confiável e que entende bem as questões da outra, inclusive entende como sexo funciona pra essa outra - e pra essa outra sexo é uma coisa enorme, cheia de consequências, exatamente como tomar drogas muito fortes ou fazer piercings complicados, e que só faz sentido numa relação de confiança, com comprometimento, responsabilidade, etc -

Aí essa pessoa come a outra e depois desaparece, banaliza e distorce o que aconteceu, e passa a ser escrota e a sacanear a outra de todos os jeitos possíveis.

Houve consentimento na hora? Sim. Mas os efeitos podem ser *bem* graves - *aconteceu comigo*.

A sensação que me dá quando eu leio algo tipo esse “só existe sexo ou estupro” é que isso é o discurso de um mundo com ênfase demais no aqui e agora, e no qual as pessoas são 100% capazes de entender a linguagem verbal e corporal dos outros rápido.

A divisão que importa pra mim - repito: PRA MIM - é entre “inconsequente” e “atento, reponsável, consequente”. Só que eu nem me atrevo a falar sobre isso, acaba que toda vez que eu tento falar ou escrever sobre isso todas as palavras e expressões que me ocorrem trazem a sensação de que não vão me entender, ou vão me entender errado e até me sacanear, e eu engasgo, entalo.

Aí eu li este outro post<sup>21</sup> - de alguém que conseguiu falar sobre essas coisas sem engasgar no meio:

Tenho preguiça de cantada. Tenho preguiça de pegação. Tenho preguiça de suruba. Tenho preguiça de gente que quer me comer sem ter a menor curiosidade quanto ao ser humano que eu sou. Tenho preguiça de Tinder. De Happn. De sexo casual. De sexo virtual. De beijo sem contexto. De joguinhos. De aproximação blasé. De ter que fingir que não estou tão interessada. Tenho preguiça de homem que não é super atento ao prazer feminino. De quem é cheio de frescuras e exigências com o corpo. De homem que diz “vamos nos falando”. Tenho preguiça de gente que não

---

<sup>21</sup><https://www.facebook.com/mgsaldanha/posts/977069769020948?ref=nf>

gosta de compromisso. De quem confunde compromisso com propriedade. Tenho preguiça de poliamor. Tenho preguiça de “não estou sabendo lidar com isso”. De quem não sabe dizer “não”. De quem fica se autoafirmando sexualmente. De quem não tem coragem de se deixar emocionar. De quem tem discurso libertário e não ousa viver o que diz. De quem acha que é muito longe pra gente ir. De quem acha que estamos indo muito rápido. De quem não liga pra lealdade. De quem não consegue ver o sagrado do outro. De quem não entende o quanto eu sou grata ao feminismo por todas essas preguiças. De quem tem medo de que eu fique sozinha, já que aprendi a estar comigo. De quem caiu no conto do esvaziamento das relações, de quem chama tudo isso de liberdade, de quem não faz questão de ser resistência afetiva no mundo.

“*De fingir que não estou interessada.*” Eu me interessou por pessoas sim, até com frequência, mas às vezes eu acho que não tem mais jeito de uma pessoa me fazer sentir que ela é confiável. Nem se ela jurar por escrito, com sangue, quatro vezes, uma em cada fase da lua diferente. Nem se ela der mil provas diferentes de integridade e sensibilidade. *Talvez* eu consiga confiar, e aí me abrir de novo, com alguém que tenha tantas cicatrizes quanto eu de lutar contra essa merda desse Rio de Janeiro, em que a inconseqüência, o “lavou, tá novo” e o “sexo é bom e gostoso e natural e etc” são tão hegemônicos.

## 17 Desculpas

Há umas semanas atrás uma amiga minha - que fala sem parar, e que é a pessoa mais masculina com que eu convivo com frequência - chegou na minha casa num ataque de ódio, porque um amigo-de-Facebook e crush dela com quem ela andava conversando horas toda noite só falou com ela um pouquinho na noite anterior, e de manhã ele reapareceu, veio falar com ela, e *se desculpou*.

Ela contava o que tinha acontecido, e a toda hora ela repetia: “ele não *precisava* se desculpar” -

Eu tentei conversar com ela. Tentei falar que o que ela estava dizendo era estranho, que tem diferenças importantes entre “precisar”, “poder” e “querer”, e tentei explicar as conseqüências da gente proibir as pessoas em torno da gente de se desculparem porque a gente vê *insegurança* como *culpa*. Ela ou não entendeu ou não ouviu - ela fala muito e ouve pouco - e depois de, sei lá, meia hora ou uma hora, eu explodi, disse que eu não queria ser cúmplice daquilo, e que ela não *precisava* contar aquilo pra mim, e que eu não *precisava*

ouvir aquilo. Ela ficou meio pasma, mas viu que era sério, pegou as coisas dela e foi embora.

A minha raiva levou horas pra passar, e no processo de lidar com ela eu entendi um montão de coisas. Primeiro (e essa eu já sabia), que eu já fui vítima de uma situação assim - no relacionamento mais importante que eu já tive a pessoa, que no início lidava super bem com vulnerabilidade e insegurança, virou uma outra pessoa, que interpretava qualquer dúvida minha como sinal de que eu estava escondendo algo grave - e eu tenho fobias enormes de cair de novo numa situação dessas. Segundo, que as pessoas em torno de mim lidam com se desculpar de jeitos *muito* diferentes, e tem até algumas<sup>22</sup> que não se desculpam de jeito nenhum, porque consideram que se desculpar é coisa de gente inferior. E terceiro, e mais importante, que é que muitas vezes eu emperro com pessoas que eu gosto *porque eu queria me desculpar com elas* - por exemplo, por não ter respondido à altura algum gesto simpático delas, ou por eu ter sumido um tempão - mas eu fico com medo delas se incomodarem com desculpas...

No mundo dos ômis quem manifesta insegurança leva porrada.

Um problema que eu tenho com cariocas é que toda vez que eu concateno cinco pensamentos em sequência eles dizem “ih, o cara, aí, não complica, relaxa”, e eu fico imaginando que muita gente faz algo parecido com quem se desculpa, que se as minhas desculpas têm mais de duas frases e não são dadas com o sorriso casual certo eu vou então eu vou receber uma espécie de “ih, o cara, aí, não complica, relaxa”...

## 18 Coração

Há uns dois anos atrás eu comecei a escrever fragmentos pra um texto grande sobre como eu acabei lidando com sexo e gênero; ele ia se chamar “sexofóbico como resposta”, e eu escrevi à beça mas não consegui chegar nem perto de terminá-lo... a idéia principal à qual eu queria chegar sempre pedia mais e mais seções preparatórias, e o trabalho começou a parecer infinito.

A obsessão atual com sexo, corpo e partes do corpo, me incomoda, mas eu vi que algumas das coisas mais importantes que essa obsessão nos impede de ver, pensar sobre e discutir, *podem ser localizadas em partes do corpo*.

Eu pretendia citar trechos de livros do Peter Brook - talvez sejam todos do “Ponto de Mutação” - nos quais ele conta de duas viagens da companhia dele na década de 1970, uma pelo interior da África, outra pelo Afeganistão.

---

<sup>22</sup><http://angg.twu.net/desnevizacao.html>

Na viagem pela África eles se apresentavam em aldeias minúsculas, nas quais muitas vezes ninguém falava Inglês ou Francês, se apresentando sobre um tapete grande, com pouquíssimos adereços ou objetos de cena. Na viagem pelo Afeganistão eles estavam tentando preparar o terreno pra filmar o “Meetings with Remarkable Men”.

O que é preciso pra estabelecer boas relações com pessoas em países distantes, com línguas e costumes muito diferentes? Por “boas relações” eu entendo relações de atenção e gentileza, nem predatórias e nem egoístas... as idéias-chave da resposta são “ser *verdadeiro*” e “*coração aberto*”, que são coisas que eu não consigo nem mencionar em público sem muita, muita preparação.

# Nismos



## 19 Sororidade

Tem definições que são importantes não em si, mas pelo uso que se fará da definição que for escolhida como “certa”. As trans e as feministas ficam brigando, muito, pela definição de “mulher”, que, pelo que eu entendo, determina:

- Quem a gente vai considerar “uma de nós”
- Quem a gente vai considerar oprimida e não opressor
- Quem a gente vai considerar digna de cuidado mesmo que esteja agressiva e surtando
- Quem a gente vai considerar bem-vinda nos nossos grupos

O que acaba sendo resumido - porque as pessoas precisam de expressões curtas - em:

- Quem a gente vai considerar digna de sororidade.

A briga sobre uso de banheiros - as trans devem poder usar banheiros femininos, que são espaços seguros, ou têm que usar os banheiros masculinos, onde os ômis acham divertido bater e estuprar quem quiserem? - tem ficado bem visível, e ela em geral é traduzida numa outra questão: *quem é mulher?*

Confesso que eu acho que responder “quem pode usar o banheiro feminino” com “quem é mulher, ué!” me parece um tiro no pé - e acho que se a gente pensa em termos de *espaços seguros* e *comportamentos esperados (pra manter aquele espaço seguro)* tudo fica bem mais claro.

## 20 Limites da sororidade

Num grupo feminista do qual eu participo - ao vivo! - às vezes, teve um dia em que um dos assuntos principais foi uma garota que tinha ido como convidada umas semanas antes, ficou a reunião inteira calada observando, e depois pegou posts, que deveriam ser privados, da “versão Facebook” do grupo, e fez posts públicos ridicularizando-os. Tava todo mundo P\* da vida com ela, e ninguém fez nenhuma fala consistente defendendo essa garota e dizendo que coitada, ela foi enganada pelo patriarcado, devemos salvá-la e perdoá-la 100%.

Deixa eu comparar isso com o que acontece em grupos trans. Um tema recorrente neles é: as mulheres trans têm que poder usar os banheiros femininos, mas umas mulheres cis ficam dizendo que claro que não, é absurdo deixar

esses homens vestidos de mulher entrarem nos nossos banheiros, eles querem nos espionar e nos estuprar...

...aí as trans dizem: “esse medo é ridículo, é transfobia”, ignorando que os lésbicos barbados desconstruindo gênero da p.47 são “trans”, ignorando que pra algumas radicais até um olhar masculino inconveniente é “estupro”, e estendendo a “sororidade trans” pra casos demais.

## 21 Homens podem ser feministas?

Uma pergunta recorrente em grupos feministas é: “homens podem ser feministas?”... É engraçado como muita gente tenta respondê-la como se ela fosse uma pergunta de sim ou não, ao invés de vê-la como uma pergunta-provocação que leva a discussões bem ricas e que só se *disfarça* de pergunta de sim ou não.

Tem muita coisa que a gente só consegue contar pra pessoas com vivências parecidas com as nossas, em situações nas quais a gente vai ser escutado, e em ambientes seguros. Pra mim um ambiente com babacas como o cara da seção 31, que acham ridículo *não sacanear* os outros, é exatamente o oposto de um ambiente seguro.

Outro dia, num chat com uma amiga, eu propus que das próximas vezes ela tentasse descrever com mais detalhes os casos que ela conhece de homens que querem “ser feministas”. Eu consigo imaginar alguns - por exemplo, o cara que quer ser reconhecido como “feminista” pra isso ser um selo de aprovação, um crachá que permita a ele circular por certos ambientes e ser considerado “seguro” e “legal”... mas será que ele vai saber se retirar de espaços que deveriam ser só pra pessoas com certas vivências muito dolorosas e muito diferentes das dele?

## 22 Ônibus

Achei que este texto<sup>23</sup>, postado há poucos dias atrás, poderia ter gerado discussões interessantíssimas - *se a autora tivesse escrito o final dele com mil vezes mais cuidado e lucidez...* ela conta de um dia em que ela estava num ônibus, subiu uma senhora vendendo trufas, e aí o cara sentado do lado dela comprou várias e deu uma pra ela, de um jeito tão simpático e sem esperar nada em troca que ela não teve como não aceitar, e passou o dia feliz. Bom, eu devo ter lido o texto aplicando mais o “Principle of Charity<sup>24</sup>” do que a

---

<sup>23</sup><https://www.facebook.com/codpie/posts/10207875283139105>

<sup>24</sup><http://philosophy.lander.edu/oriental/charity.html>

maioria das outras pessoas, porque achei que ele podia, e devia, ter gerado uma discussão bem interessante...

É simplista achar que todos os homens são opressores do mesmo jeito e no mesmo grau, que todos os homens se beneficiam do machismo do mesmo jeito e no mesmo grau, que todos os gestos de gentileza masculinos são igualmente perigosos e carregam exatamente as mesmas segundas intenções por trás; e, bom, já que existem homens que compactuam mais com o machismo e outros que compactuam menos, deve ser possível pelo menos *imaginar* homens que combatem o machismo e conversar sobre como eles, aham, “seriam”; e, dentre eles, uns vão ser mais ingênuos e outros menos... e, caramba, eu tenho *certeza* de que os homens não-ingênuos que estão tentando combater o machismo fazem o possível pra manter o coração aberto (seção 18) e pra serem transparentes e verdadeiros sempre que dá, e que eles são atentos aos efeitos de pequenos gestos e atitudes... e imagino que eles às vezes se arrisquem a ser gentis com mulheres cis héteros, que é algo que eu em geral não me atrevo a fazer porque eu fico em pânico só de pensar que podem achar que eu tou cantando alguém.

## 23 Crédito

Meu pai era sobrevivente de campo de concentração.

Deixa eu copiar aqui um trecho do discurso<sup>25</sup> que eu preparei pra cerimônia de homenagem feita 30 dias depois da morte dele.

O meu pai dizia que o Holocausto era tão pior do que qualquer outra coisa que perto dele qualquer outra atrocidade, passada, presente ou futura, perdia a importância. E isso era muito opressor, porque queria dizer que o mundo tinha uma dívida infinita com ele - ele podia fazer qualquer coisa, podia explodir a qualquer hora, pra descarregar coisas que aliás ele nem entendia, e ele seria sempre desculpado. E isso fazia todo o sentido, mas era insuportável.

Eu levei 30 anos pra conseguir lidar abertamente com isso - e foi da seguinte forma: “ele tinha um crédito gigantesco por ter passado pelo que passou. Mas esse crédito não é infinito, e agora, depois de décadas, ele acabou”. E esse corte era algo bem mais pesado do que parece - era algo inadmissível, pra todo mundo. Eu me dispunha a ser considerado um monstro, por ele, pela minha

---

<sup>25</sup><http://angg.twu.net/haz.html>

família, pelos amigos dele, talvez até pelos meus amigos - a gente não se recusa a pagar a nossa dívida com a família - a dívida de cuidar de quem cuidava da gente - impunemente. Então eu não pediria mais ajuda a nenhuma dessas pessoas.

Então essa foi uma das situações na minha vida nas quais eu decidi sacrificar a minha respeitabilidade, todo um grupo grande de contatos, toda uma rede social - a rede de proteção que a gente tem por default quando nasce numa certa classe, com um ou dois dos nossos pais sendo judeus -

Eu ia terminar o discurso olhando nos olhos de todo mundo da platéia e dizendo que agora a gente já tem boas condições pra pensar sobre as atrocidades passadas e as atuais; sobre como fica quem sobrevive a elas; sobre *reação histórica a atrocidades*; sobre tentar esconder memórias dolorosas embaixo do tapete pra gente conseguir fazer cara de que está tudo bem; e *sobre o que a gente pode fazer pra não ser detestado* - mas eu acabei boicotando a cerimônia e não indo nela.

O meu pai “podia” ser grosso, estúpido e paranóico sempre que quisesse - mas, repara, esse “podia” tem vários níveis e vários sentidos possíveis - “vão cuidar dele como de alguém querido que está em desespero”, “as pessoas vão entendê-lo”, “as pessoas vão ajudá-lo”, “ninguém vai ficar magoado com ele ou constrangido pelo que ele fizer”... ou então: “não vai ser demitido do emprego”, “vai ter atenuantes se criar uma briga e for parar na polícia”... ou: “não vai levar reprimendas em público”, “vai ser tolerado”, e “os amigos vão se afastar em silêncio”.

O que acabou acontecendo com ele foi bem próximo de “os amigos vão se afastar em silêncio”.

Quando eu vejo pessoas apontando transfobia, homofobia, racismo, machismo, etc em todo lugar eu penso nisso. Elas *podem* ver transfobia homofobia racismo machismo etc em todo lugar, mas será que o efeito disso é o que elas querem? Elas vão acabar se isolando, e será que vale a pena? Pra mim é importante a gente conquistar aliados, e *bons* aliados...

## 24 “Que bom, tá saindo tudo”

Um cara chega no homeopata com um furúnculo gigantesco no cotovelo, doendo a beça e saindo pus. O homeopata vê aquilo, abre um sorriso de orelha a orelha, e diz: “que bom, tá saindo tudo!”

Em 26/out/2015 eu anunciei timidamente<sup>26</sup> o link pros textos deste zine no grupo Assexuais, dizendo:

Gente,

eu continuo achando que o termo que eu inventei pra me descrever há quase 15 anos atrás - “sexofóbico” - é mais adequado (e mais interessante!!!) do que “demisssexual” ou “assexuado”..

Tou fazendo um zine no qual boa parte dos textos é sobre isso. Talvez interesse...

As reações foram hostis. Pessoas dizendo que o termo “sexofóbico” é ruim porque é pesado, depois algumas falas na linha desta,

O foco do grupo é promover o encontro de pessoas dentro do espectro da assexualidade e desmistificar a ideia de que somos doentes por não gostarmos de sexo. Pra gente não é doença; não estamos doentes. Por isso usar o termo sexofóbico é meio ofensivo na nossa opinião.

e depois duas pessoas me disseram que eu devia tentar fazer terapia... o que me deixou *bem* surpreso! Fiquei pensando em qual era a visão dessas pessoas de “terapia” - e entendi, pela enésima vez, que linhas diferentes de Psicologia têm visões bem diferentes do que é tratamento, o que é doença e o que é saúde. Nas linhas que fazem mais sentido pra mim, quando a gente tem problemas grandes e enraizados demais, *produzir* a partir deles é uma das coisas mais saudáveis que podemos fazer - e é melhor ainda quando a gente produz algo que pode ajudar outras pessoas que têm questões parecidas.

Eu pensei em explicar isso no grupo e dizer que, pôxa, na minha visão quem acha que histórias traumáticas não devem e não podem ser discutidas abertamente é que precisa de terapia. Aliás, estávamos no auge da campanha do #PrimeiroAssédio - mas mesmo assim eu acabei não respondendo nada.

---

<sup>26</sup><https://www.facebook.com/groups/assexuadostambemamam/permalink/683968001738311/>

# Homens

## 25 “Homem de verdade” não existe

Eu tenho lembranças claras de quando eu era pequeno - 6, 7, 8 anos. Praticamente tudo, até os menores gestos, era dividido entre “coisas de homem” e “coisas de mulherzinha/fresco/maricas/viado”, e a gente vivia o tempo todo se testando uns aos outros e tentando passar nos testes e ser “homem de verdade” e não “viado”...

Era um pesadelo, e várias coisas que eu queria e achava legais eram “coisa de viado”. Isso me deixava muito grilado, e eu tentava conversar sobre isso com a minha mãe e o meu analista (é, porque eu era patologicamente tímido e a minha mãe era psicanalista, então ela me pôs pra fazer análise muito cedo). Os dois diziam:

“Homem de verdade” não existe, e você não é viado.

Acho que foi daí - de muitos anos de conversas frustrantes com a minha mãe e com esse psicanalista farofa - que eu aprendi que termos como “homem”, “mulher” e “viado” têm muitos significados; que pra dialogar sobre eles com alguém a gente tem que entender quais desses significados a outra pessoa usa; e que algumas pessoas, como a minha mãe e o farofa, acham que esses termos são universais e querem dizer exatamente o significado que eles têm na cabeça naquele momento...

Eu aprendi também que essas pessoas que acreditam no um significado só são loucas e deveriam ser evitadas; e aprendi também que elas são numerosas demais e estão perto de mim em lugares demais, e evitá-las é impossível.

## 26 Coisa de viado

Tinha muitos tipos de pensamentos que eram “coisa de viado”. Os “homens de verdade” *nunca* pensavam aquelas coisas. Só que eram tantos tipos de pensamentos que eram “coisa de viado” que eu não acreditava que os “homens de verdade” nunca tivessem pensado nenhum deles.

O tom do modo como os homens falavam tinha certezas demais.

Eu fui chegando à conclusão de que os “homens de verdade” apagavam as memórias de terem pensado cada coisa que não deviam. Quando eles diziam que nunca tinham pensado as coisas proibidas isso não era exatamente uma mentira - eles acreditavam totalmente. Eles viviam com muito poucas memórias, porque eles viviam num eterno presente - sem memórias, e sem interior.

Essa sacação me fez entender um princípio básico do masculino: o “lavou, tá novo”. Nada se fixa: a cicatriz de um machucado desaparece no dia seguinte,

a dor de um chute na canela passa em segundos, uma brincadeira babaca de um coleguinha daqui a dois minutos a gente já esqueceu. Por trás disso tem a idéia de que a gente está sempre se treinando pra ficar cada vez mais fortes - e a gente sacaneia nossos amigos “de brincadeira” não só porque “é engraçado”, mas também porque quem é sacaneado ri em triunfo quando vê que é já é forte o suficiente, e a sacanagem não doeu.

## 27 Mentira, inferno, mistério

O mundo masculino - pra mim - era uma *mentira*, porque era baseado na gente estar sempre esquecendo coisas, fingindo que nada doeu e fingindo que a gente gostava exatamente das coisas certas, um *inferno*, porque a gente vivia em pânico e não podia baixar a guarda um segundo, e um *mistério*, porque eu não conseguia entender como os meninos e os homens adultos conseguiam ter caras mais ou menos felizes vivendo daquele jeito.

Eu comecei a pensar muito sobre “homens” e “mulheres” e “masculino” e “feminino” desde bem pequeno, porque eu precisava pensar em termos de *jeitos de funcionar*. As “mulheres” eram verdadeiras, podiam prestar atenção nas coisas, e o modo delas de conversarem incluía perceber como a outra pessoa funcionava, e aí criar situações confortáveis nas quais a gente pudesse até lidar com cuidado com coisas que doíam, como segredos. Eu queria poder ser mais ou menos daquele jeito quando eu crescesse, mas eu não conseguia visualizar bem como... por eu ser homem eu tinha que manter uma casca de dureza, que não parecia compatível.

Quando eu era pequeno eu era um mini-nerd, e eu gostava muito de ciência, talvez pra copiar o meu pai, que era engenheiro. Aí eu achava que se eu fosse cientista, inventor e gênio eu seria livre (num futuro distante).

Quando eu era adolescente eu já não dava mais bola pra ciência - os caras que eu achava os fodões mesmo eram artistas, principalmente diretores de cinema e escritores. Eu queria - ou *precisava* - virar uma pessoa incrivelmente interessante quando eu crescesse, pra eu poder ser amigo dos Mishimas e Fassbinders<sup>27</sup>.

## 28 Máfias

Há muitos anos atrás eu assisti um filme sobre máfia que me marcou muito. Eu adoraria saber o nome dele.

---

<sup>27</sup><http://angg.twu.net/s-c-r.html#querelle>



Um dos personagens é um adolescente que vive rondando seus dois amigos que já são da máfia, esperando que eles o convidem pra entrar pra máfia também. Um dia esses dois amigos levam ele pra um porão pra um “teste”, que ele só vai entender direito quando chegar lá. Quando ele chega nesse porão tem um cara amordaçado acorrentado a uma parede que ele vai ter que torturar e matar.

Eu sempre vi o mundo masculino em torno de mim como uma máfia, uma rede de relações baseada em cada um acobertar as escrotices dos outros. Torturar os caras acorrentados no porão era um ritual de pertencimento. Aprender a fazer coisas que antes te dariam engulhos sem se incomodar, e aprender a gostar delas, era confundido com coragem.

A Julia Serano conta<sup>28</sup> que antes dela começar a TH, na “fase testosterona” dela, era como se as emoções dela estivessem sempre no fundo do palco, e era fácil fazer com que uma cortina descesse sobre elas e as tornasse praticamente imperceptíveis e irreais - ela quase sempre podia fazer isto num estalar de dedos. Depois da TH, na “fase estrogênio”, as emoções não se tornaram nem maiores nem dominantes, só *mais nítidas*.

## 29 Sessão Coruja

Eu tentava encontrar *alguma* noção de homem que me fizesse sentido, e que eu pudesse tentar ser. Eu lia muito, a TV Globo às vezes passava coisas incríveis - como filmes do Sam Peckinpah - de madrugada, o Cineclube Estação Botafogo abriu quando eu tinha 13 anos, e tinha outras cinematecas na cidade - então eu tinha muitas referências estrangeiras pra usar.

O melhor que eu consegui foi uma noção de “homem” como alguém plenamente responsável pelas consequências do que faz, com a obrigação de entender como pessoas bem diferentes de mim poderiam ser afetadas pelo que eu fazia, e com coragem pra peitar os meus próprios colegas sempre que necessário... só que aos poucos eu vi que essa noção de “homem” não tinha *nada* a ver com as das pessoas em torno de mim.

Lá pelos 24 ou 25 anos, quando eu desisti de vez de ser “homem” em qualquer sentido que fosse, a minha atitude passou a ser “eu não vou mais ser cúmplice desses caras em nenhum sentido, eu quero é que eles se fodam”. E se eu precisasse me explicar eu diria: *todos os homens que eu já conheci são burros e covardes*.

---

<sup>28</sup>“Whipping Girl: A Transsexual Woman on Sexism and the Scapegoating of Femininity”, cap.4

## 30 Marta e iniciativa

As mulheres “dão mole”.

Os homens “tomam a iniciativa”.

As mulheres dizem “não” (e riem).

Os homens “insistem”.

Isso era uma das coisas nas quais eu não conseguia fazer “papel de homem” de jeito nenhum, e aí eu me ferrava. Essa, em particular, foi uma das coisas que mais me deixou suicida quando eu tinha 17 anos. Eu era apaixonado pela minha melhor amiga, a Marta, e ela ficava me provocando, me dando mole, me cobrando que eu “tomasse a iniciativa”, e toda vez que eu tentava ela me dava uma patada, sinalizando que a minha iniciativa não tinha sido boa o suficiente, que eu não tinha segurança, desejo e impulsividade suficientes, e que eu tentasse outra vez.

A Marta era grande, forte e poderosa. Eu era magrelo, frágil, encurvado pra frente, tímido e excessivamente cerebral. Às vezes a gente ia na Mariuzinn de Copacabana, que era a uns 10 quarteirões da casa dela, e quando a gente entrava na pista de dança ela num instante virava o centro das atenções, dançando com todo mundo ao mesmo tempo. *Eu queria ser como ela quando eu crescesse.*

# Categorias

## 31 As distinções certas

Quando eu era pequeno eu dividia as pessoas entre “homens” e “mulheres” do jeito óbvio. Quando eu passei a ter muitos conflitos com os “homens de verdade” eu passei a dividir as pessoas entre os “homens” (que eram péssimos), as “mulheres” (que eram boas ou neutras), e as “pessoas” (que não seguiam papéis de gênero aprisionantes, e eram *bem* melhores). Mas nos últimos anos tudo ficou confuso; às vezes decidir quem era “homem” ou “mulher” só servia pra tentar encontrar os pronomes certos... eu não conseguia fazer as noções que eram intuitivas pra mim dialogarem com a miríade de rótulos que se usam hoje em dia - e, óbvio, isso tornava a minha transição bem complicada. Eu estava querendo deixar de “ser” o quê, pra me tornar o “quê”?

Tem um trecho<sup>29</sup> d’“O Zen e a Arte da Manutenção de Motocicletas” que me marcou muito, que é sobre encontrar os conceitos certos, que nos permitem fazer as distinções certas, e daí ver as coisas com clareza - sem as confusões de antes - e aí encontrar o melhor modo de agir.

O conceito que me parece realmente útil agora, e que todo mundo entende, é o de “Ômi”. “Ômis” e “humanos” - ainda não há um termo para o oposto de “ômi” em uso corrente, então deixa eu improvisar e usar “humano” - têm modos de funcionar completamente diferentes e incompatíveis, e valores e códigos éticos incompatíveis também. Deixa eu citar um texto escrito por um ômi (fontes: aqui<sup>30</sup> e aqui<sup>31</sup>), que eu acho especialmente revelador:

SOBRE AMIZADES E POLÍTICA: Percebi pela Análise Sociográfica das Redes Sociais como que a forma como nós, reacionários direitistas trogloditas conservadores do mal nos tratamos é... legal pra caralho! Um posta uma coisa, outro xinga de corno pelo gosto musical ser uma bosta, chamamos respondemos com considerações sobre as preferências sexuais do primeiro, rola uma zoada com a mãe, aí um terceiro manda beijo irônico, todos mandamos um ao outro tomar no cu e termina sempre com umas indiretas sobre o Morgen escrever demais.

Sabe por quê? Porque nós somos amigos pra caralho, porra!

E a função social de um amigo é te zoar em público antes que outras pessoas o façam. É por isso que provas são tão difíceis, que o treinamento no Exército é barra pesada e também por isso que inventaram palavrões.

---

<sup>29</sup><http://angg.twu.net/zamm-13.html#cleavage>

<sup>30</sup><http://angg.twu.net/2013-assedios.html#morgenstern>

<sup>31</sup><http://www.facebook.com/flaviom/posts/10200983707944809>

Aí você vê o pessoal de esquerda. E é tudo um fru-fru mongu, um teatrinho de lambeções sem ofender a hipersensibilidade alheia, um troca-troca de vaidades que faria a corte de Luiz XIV parecer a Banheira do Gugu.

Todo mundo se chama de “companheiro” (você precisa chamar seus amigos de “amigos”, ou só fala: “Chega aí, bichona?”), todo mundo respeita o gosto musical um do outro (ABSURDO DOS ABSURDOS, isso não pode acontecer nunca entre 2 seres humanos adultos, conscientes e vacinados!!), nunca se vê uma ironia, uma tirada escrota, um cutucação que doeria no ego caso você não tivesse motivo pra ter um, uma piada ofensiva em público, uma inocente virulência preconceituosa com alguma deficiência ou estigma social de alguém por algum motivo... “Hey, camarada, você saiu muito bonita na foto, embora talvez tenha preferências por outras mulheres e devo respeitar sua opção sexual que você escolheu conscientemente e não devo ter opiniões sobre sua sexualidade”... chama logo de GOSTOSA, seu baiacu!

E você percebe que é tudo uma falsidade do caralho, que eles precisam sempre dessa masturbação mútua coletiva só para acreditarem que são MESMO interessantes, já que os membros do mesmo grupinho são também interessantes, conscientes, livres de preconceito, politicamente corretos, progressistas, chatos que só um livro do Gabriel Chalita e o cúmulo do progresso humano sem nunca precisar ler sequer as orelhas de Karl Popper.

Putá merda, um mundo em que não podemos xingar os próprios amigos?! Fora a linha leste do trem em horário de pico, poucas coisas parecem tanto a definição de inferno quanto esse moralismo ridículo em que cada pensamento impuro precisa ser engolido, silenciado e guardado para se pedir perdão no fim do dia.

Sou reaçã porque sou legal pra caralho.

Quando eu fui saindo dos meios masculinos porque eu nem conseguia compactuar<sup>32</sup> com o que acontecia neles eu não via “homens” e “mulheres” simplesmente como grupos que lidavam diferente com sexualidade - tipo: quem penetra e quem é penetrado, quem toma a iniciativa e quem não - e com roupas, aparência, enfeites e trejeitos; isso era ínfimo. O que era mais importante pra mim era que eu via “homens” e “mulheres” como modos diferentes

---

<sup>32</sup><http://angg.twu.net/historia-de-T.html>

de ver o mundo, com códigos de valores, de ética e de comportamento diferentes e muitas vezes incompatíveis. Por exemplo, praticamente todo mundo vai reconhecer o tipo de babaquice do cara acima como algo tipicamente masculino... né? Certos tipos de comportamento são *obrigatórios* ou *tolerados* em meios masculinos e *inadmissíveis* em meios femininos; outros são o contrário.

## 32 “Engenheiros”

Na geração dos meus pais, principalmente entre galeras como a da minha mãe, a expressão “cabeça de engenheiro” era bastante usada, e tinha um significado preciso - um tipo muito específico de arrogância e tacanhez.

O meu pai era engenheiro (e ogro<sup>33</sup>), e ele ficava muito puto quando ele via que eu e a minha mãe estávamos usando a expressão “engenheiros” na nossa conversa. Ele se metia, dizia que fulano era legal e era engenheiro, beltrano idem, então a gente não podia falar mal de engenheiros, a gente não podia generalizar.

Eu levei anos pra conseguir uma primeira resposta razoável pra isso. Eu dizia que o Heidegger e o Günther Grass eram legais e tinham sido nazistas, então ele não podia falar mal dos nazistas, ele não podia generalizar.

Tempos depois eu encontrei uma outra resposta muito melhor, e que não era uma provocação.

Falar “OS engenheiros” e falar “TODOS os engenheiros” são coisas completamente diferentes. Se eu digo “TODOS os engenheiros são do jeito tal” e a pessoa com quem eu tou falando me dá um exemplo de *um* engenheiro que não é desse jeito tal, então pronto, ela ganhou: o que eu estava tentando afirmar não vale mais. Mais se eu digo que “OS os engenheiros são do jeito tal” eu estou usando implicitamente a minha noção do que é um engenheiro “típico” - que comporta exceções - e tentando ver se ela bate com a do meu interlocutor...

## 33 Hombres y Machos

Tem um livro interessantíssimo, que eu comprei na liquidação da Leonardo da Vinci<sup>34</sup>, chamado “Hombres y Machos - Masculinity and Latino Culture<sup>35</sup>”.

---

<sup>33</sup><http://angg.twu.net/haz.html>

<sup>34</sup><http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-107/anais-da-vida-literaria/cerimonia-do-adeus>

<sup>35</sup><http://www.amazon.com/Hombres-Machos-Masculinity-Latino-Culture/dp/0813331978>

O autor, Alfredo Mirandé, é um sociólogo/antropólogo/etnólogo que trabalha nos Estados Unidos e é de origem mexicana, e ele começa o livro contando umas histórias da família dele pra introduzir a idéia de que as referências de “homem de verdade” no México são diferentes das anglo-saxãs - e, além disso, são diferentes dos *estereótipos* que os anglo-saxões têm do que são “homens” e “machos” para os latinos.

Repara, só nisso já aparecem várias idéias diferentes de “homem”... e o livro começa com várias histórias - umas da família dele ou de conhecidos, outras de filmes e livros de ficção, outras de outros estudos de ciências sociais - das quais ele tira elementos pra tentar caracterizar o que mexicanos de várias classes, idades, lugares, níveis de renda, etc, entendem por *hombre* e por *macho*; daí ele desenvolve uma metodologia, prepara uma pesquisa, realiza montes de entrevistas, organiza os dados que obteve, e apresenta conclusões.

Eu adoraria ter as ferramentas de Ciência Sociais que esse cara tem pra eu poder organizar e contar “do jeito certo” muitas coisas que eu vivi e observei sem que me digam que eu estou fazendo generalizações idiotas. Por exemplo, no meio em que eu cresci o modo de falar masculino incluía uma *obrigação de ridicularizar* que quando eu comecei a andar com mulheres eu vi que entre elas era bem menor.

Um ponto importante: a gente dificilmente vai chegar ao ponto de poder fazer uma pesquisa de campo com muitas entrevistas, como o Mirandé fez, mas a fase anterior, de procurar literatura e coletar elementos em discursos tanto reais quanto ficcionais, a gente pode fazer com pouquíssimos recursos; e tem uma “fase zero”, que consiste na gente coletar e organizar as idéias e discursos de gênero *que já estão na nossa cabeça*, que não exige recurso externo nenhum, e que acho que todo mundo interessado em gênero deveria fazer... e depois que a gente organizou isso com um mínimo de honestidade e cuidado a gente consegue conversar com colegas (mini-pesquisa!) sem ser considerado chato.

## 34 Falar mal

Às vezes falar mal dos outros é um modo da gente ir esclarecendo como a gente não quer ser.

Um dos meus assuntos preferidos desde que eu tenho, sei lá, 16 ou 17 anos, era falar mal dos homens (e das pessoas “normais”<sup>36</sup>) - mas esse assunto correspondia a um problema prático, que era: se a gente não queria ser como os “homens” e as “pessoas normais”, que tinham pontos cegos enormes e eram

---

<sup>36</sup><http://angg.twu.net/haz.html>

burras, estúpidas e hipócritas, *qual era a alternativa?* Como a gente podia construir pra gente um modo de funcionar bem melhor?

## 35 PUC

Eu comecei fazendo umas matérias de Matemática na PUC-Rio como ouvinte num tempo em que eu era um outsider total, aí me identifiquei com o curso e com as pessoas, e me transferi pra lá.

Depois de alguns anos os meus colegas começaram a ficar amigos de estudantes de Engenharia e a tentar grudar neles absorvendo os seus valores - o que foi um inferno pra mim, porque esse pessoal da Engenharia tinha uma hierarquia social muito rígida, na qual os seus pontos vinham basicamente de 1) você ser popular e descolado e galinhar bem, 2) você ter excelentes notas, 3) você ter o perfil do estagiário perfeito, que vai ser aprovado em todos os processos de seleção e entrevistas.

Eu cheguei a namorar uma pessoa desse grupo, a Paula Engenheira... mas quando ela contou pras amigas que gostava de mim ela ouviu coisas como “Paula, aquele Daniel que você namorava já era o fundo do poço, mas esse Eduardo é pior ainda”.

Todo mundo acha preconceito uma coisa abominável, mas eu vejo um contínuo entre preconceito, que é péssimo, e uma outra coisa que eu chamava de “preconceito operacional”, que todo mundo faz, e que é humana e ok. O meu “preconceito operacional” contra engenheiros funciona da seguinte forma: “deve ter gente legal no meio deles sim, mas no geral eles nem enxergam as coisas que eu valorizo e lidam com naturalidade com coisas que eu considero intoleráveis. Eu preciso de amigos - mas não vou mais investir nenhuma energia nesse pessoal porque é roubada, vou procurar amigos em outros lugares”.

(A minha engenheirofobia é parecida com a minha heterofobia. Heterofobia “existe”, mas heterofobia e homofobia são coisas de naturezas muito diferentes.)



Transfeminismo



Uma discussão no grupo “Transfeminismo <3”.  
Post inicial, depois meus três comentários.

**De:** Virginia

**Em:** 1º/maio/2015 21:41

Meninas, queria ajuda pra opinar num tema tão delicado. Achei o texto BEM TRANSFÓBICO, os conceitos de identidade de gênero e a questão da “mulher materialmente” (CIS). É bem bizarro, mesmo assim, o debate sobre estupro corretivo é foda e não pode ser silenciado tbm....

### **O Queer promove estupro corretivo de lésbicas**<sup>37</sup>

**De:** Eu

**Em:** 2/maio/2015 05:32

Eu sempre leio esses textos de TERFs com uma certa curiosidade... e só agora, depois de pensar horas nesse aí enquanto eu rolava na cama, acho que entendi o porquê.

A autora dele fala de certas coisas irracionais como se fossem perfeitamente racionais e razoáveis. A gente sabe que coisas são essas - são “deslizamentos”, como a Bia explica super bem neste texto aqui,

<http://transfeminismo.com/o-banheiro-e-a-ideologia/>

entre “pênis”, “estuprador em potencial”, “estuprador”, “estupro corretivo”, etc.

As afirmações do texto são delirantes e até nocivas pra outra pessoas; disto a gente está careca de saber e de dizer. Deixa eu falar sobre OUTRA coisa.

A autora tem uma segurança pra falar dessas coisas que tem um quê de invejável. Tenho lido ultimamente um monte de textos de pessoas que tiveram problemas de auto-aceitação enormes, mas que agora escrevem coisas como “eu sou gorda e negra, mas agora eu tenho orgulho disso, eu sou foda, e eu me amo”. Esse tom, que eu chamo de “empoderado”, dialoga bem com os discursos de certeza que a gente vê por aí em todo lugar - em muitos meios a coisa mais importante pra você ser ouvida é você ter \_\_muita\_\_ segurança do que está dizendo.

Bom, deixa eu copiar aqui um trecho de uma das minhas primeiras mensagens de saída do armário. Ela ficou super bem escrita, e não vale a pena eu tentar parafraseá-la ao invés de copiar do original.

“No início, quando eu era pequeno, eu achava só que eu tinha dado azar. As meninas podiam fazer tudo de legal e podiam pensar e conversar sobre o que queriam e serem sinceras; já os meninos tinham que ficar fingindo o

---

<sup>37</sup><https://milfwtf.wordpress.com/2015/04/28/o-queer-promove-estupro-corretivo-de-lesbicas/>

tempo todo que gostavam de um monte de coisas idiotas só pra provarem pros outros que eles eram machos, e ficar fazendo papel de macho era algo tão infernal que a gente vivia explodindo de frustração e raiva... aí o que eu entendia era que os outros meninos descarregavam essa raiva se sacaneando e se batendo, e eles ficavam tão ocupados com isso que eles não tinham tempo pra pensar nada de diferente... e como eu era magro e fraco e tinha defeitos de personalidade eu não conseguia me encaixar e aí eu ficava só vendo tudo como se eu estivesse de fora... e eu tinha a impressão - aliás, a “esperança”! - de que se eu me esforçasse MUITO e virasse uma pessoa muito interessante quando eu crescesse eu acabaria encontrando as outras pessoas que também sabiam que o mundo masculino era uma farsa, e teriam construído jeitos de viver fora dessa farsa...”

Então, voltando ao texto da TERF... o que ele tem que é um pouquinho invejável é que a autora consegue falar de assuntos que são gatilho pra ela - e “pênis” é mega-gatilho pra ela - sem engasgar no meio de cada frase pela certeza de que não só não vai ser entendida como vai ser patologizada.

Quantos assuntos a gente tem, principalmente sobre motivos que nos levaram à transição, e fobias e gatilhos que permanecem mesmo depois da transição, que a gente mal se atreve a conversar com meia dúzia de pessoas mais próximas?

O tom da TERF autora do texto pra mim é um tom masculino, pelo excesso de afirmações e pela falta de auto-crítica =(... mas eu fiquei imaginando, nesse tempo em que eu fiquei rolando na cama e pensando depois de ler o texto dela, o quanto pode ser empoderador pras mulheres irem em encontros de RADs cheios de TERFs e poderem falar livremente sobre coisas que em outros espaços pareceriam paranóias, e serem ouvidas.

Na verdade acho que o principal motivo de eu pensar tudo isso é que eu tenho tido super poucas oportunidades de encontrar outras pessoas trans ao vivo, e algumas coisas que eu tenho lido de ativistas trans - por exemplo isto (principalmente os comentários):

<https://www.facebook.com/andreigiu/posts/1559902204276071>

me dão uma nóia de que em eventos trans eu talvez acabasse ficando à margem num canto sem conseguir me expôr ou puxar papo com quase ninguém, porque a minha vivência é bem diferente dos relatos que eu vejo... eu comecei a TH muito tarde, e antes disso eu vivi meio invisível, tentando fazer com que aparência física, namoros, sexo, etc, ficassem bem em segundo plano na minha vida - eu pensaria direito nessas coisas quando eu crescesse... então, sei lá, vai que os espaços trans estão ocupados só pelas pessoas que tem questões “externas”, as pessoas que o tempo todo põem a cara no sol e levam porrada, e elas não têm mais questão “interna” nenhuma?...

**De:** Eu

**Em:** 2/maio/2015 05:32

Tudo bem que várias pessoas aqui acharam o texto de TERF péssimo sem nem lê-lo... mas eu fui relê-lo agora pra escrever mais sobre ele - ou aqui ou só pra uma amiga minha - e achei ele MUITO bom.

Eu tinha ficado com a impressão de que a autora deixava explícito que ela tinha sido violentada, e aí a partir desse ponto do texto ela iria se permitir falar sobre os gatilhos dela e sobre ela ver estupro em todo lugar... agora que eu reli eu vi que não é bem assim, tá só implícito, mas escrito de um jeito tão forte que dá pra inferir as vivências dela - e, aliás, depois que eu fucei um pouco mais o site dela, vi que estão escritas em detalhes em outros posts.

Tem uma coisa lá no meio do texto dela que eu achei MUITO foda. Ela diz: “NÃO SABER LIDAR COM UM NÃO PARA UMA INVESTIDA SEXUAL É SOCIALIZAÇÃO MASCULINA”. Eu tou há meses tentando deixar mais claro o que é “homem”, “mulher”, “masculino”, “feminino” pra mim e porque o “mundo masculino” era um inferno, e essa idéia é uma boa chave de pensamento.

**De:** Eu

**Em:** 3/maio/2015 06:57

...e eu ia comentar aqui que acho uma estratégia ruim a gente chamar as histórias pesadas dos outros de mimimi, porque isso praticamente convida as outras pessoas a dizerem que as nossas histórias são mimimi também... mas fiquei deixando pra quando eu conseguisse escrever de um jeito mais caprichado, e agora vi que ao invés de usar as minhas palavras eu posso fazer uma citação. Lá vai.

“Quem se omite diante da dor não escolhe a neutralidade. Escolhe afundar ainda mais a vítima numa lama de culpas, nojos e medos. E eu só tinha o papel para enfrentar o que passava sem perder a lucidez.”<sup>38</sup>

---

<sup>38</sup><https://milfwtf.wordpress.com/2014/06/23/sobre-pedofilia-e-a-minha-primeira-historia-de-horror/>

Pouco depois do meu último comentário me baniram do “Transfeminismo <3”. Duas semanas depois comentei isto aqui no grupo “Feminismo Trans”:

**De:** Eu

**Em:** 16/maio/2015 02:40

...e eu tou aqui torcendo pra pessoa “ex-trans virando rad” não ser eu, porque deve ter pelo menos 3 pessoas me rotulando assim agora... me expulsaram de um grupo e várias pessoas me bloquearam sem explicação depois que eu escrevi essas coisas aqui,

<http://angg.twu.net/falta-misandria.html>

eu sei que eu pisei em gatilhos, mas não imaginei que ia ser tão grave... porque por mim eu estava tentando pensar exatamente sobre que tipos de “pertencimento” a gente deveria estar procurando - tem coisas que acabam me soando como a rixa eterna da turma da rua de cima com a turma da rua de baixo...

Aí uma pessoa que também estava no grupo anterior disse: “Vc foi expulso do grupo porque concordou com um texto totalmente transfobico” e “E ainda ficou relativizando transfobia”, e pouco depois me baniram do “Feminismo Trans” também.

# E-mails pra Silvia

**De:** Silvia

**Para:** Mim

**Em:** 2/maio/2015 15:57

Muito bom! Acho que você foi no ponto!

Só duas coisas:

Eu acho o termo Terf bem complicado. Em primeiro lugar porque, bom, é pejorativo, né? Já que nenhuma mulher se intitula terf, embora algumas se intitulem perf (P de pênis), pois trans homens são aceitos nos espaços exclusivos. E em segundo lugar porque é um termo misógino. Por que só as mulheres têm um termo para designar o fato de serem trans-excludente quando a sociedade inteira é trans-excludente e quando quem agride, estupra e mata trans são homens cis?

Outra coisa é que só em espaços exclusivos virtuais pude entender o conceito de gênero para as feministas radicais e acho que posso tentar te explicar uma coisa que parece que não está clara para quem não participa desses grupos: o conceito de “identidade de gênero” está fazendo mulheres cis, cada vez mais, irem para o feminismo radical. Não porque elas são transfóbicas, nenhuma delas nega o sofrimento de ser uma pessoa trans que passa por transição, muito menos das trans que se prostituem, das que sofrem violência transfóbica... Talvez você ache ruim o que vou dizer, mas espero que você consiga entender o meu ponto: há homens afirmando serem mulheres não-binárias querendo se impor como mulheres lésbicas. Basta passar um batom e colocar uma saia e dizer “sou mulher” para ser mulher? E automaticamente qualquer mulher cis passa a ser opressora dessa pessoa que a vida toda teve todos os privilégios de ser homem? E a voz dessa mulher não-binária deve se sobrepor à de uma mulher que passou a vida inteira sendo silenciada por ser mulher? Você consegue perceber porque isso é problemático?

Geralmente são homens brancos universitários, barbados, que colocam uma saia e um batom e a partir do momento em que dizem que são mulheres ninguém pode negar isso. Pensa em como essa pessoa é vista por mulheres que têm trauma de estupros ou medo de estupros corretivos. Pensa em como mulheres podem se sentir ameaçadas pela hipótese de que um homem coloque uma saia para se dizer não-binária ou gênero fluido apenas para ter sexo com mulheres.

A maior parte das pessoas que se dizem não-binárias ainda por cima dizem que são lésbicas e que se uma lésbica não quer fazer sexo com eles é porque é transfóbica. O que uma lésbica vê quando isso acontece? Como não ver um homem impondo o seu pênis sobre o corpo feminino? Uma lésbica não pode não gostar de pênis a não ser que tenha passado por traumas? Eu conheço duas meninas que passaram por pressões desse tipo. Onde mais elas iriam

poder falar sobre isso se não em espaços exclusivos?

Sério, acho que alguém devia dizer pra esses caras que eles tão fazendo muito mal pra militância trans. Não sei se eles têm fetiche em serem oprimidos ou o quê, mas só vão conseguir que lésbicas e feministas radicais reafirmem que ser mulher não é usar saia.

Um beijo,

Silvia



**De:** Eu

**Para:** Silvia

**Em:** 3/maio/2015 22:54

Hey!!!

Adorei a sua resposta, passei o dia pensando nela, com vontade de escrever uma resposta gigante...

Desculpa eu ter usado o termo “TERF”... é porque eu tava num grupo de pessoas trans...

Deixa eu primeiro te mandar duas coisas que eu acabei de postar lá na discussão. Aliás, antes olha isso aqui, que foi um dos comentários de lá...

“Só pelo titulo eu nem vou ler...por q ja sei q tem chorume de terf.”

Lá vão os meus dois comentários. Mais depois! Beijos! =)

(...)

**De:** Eu

**Para:** Silvia

**Em:** 4/maio/2015 00:00

Eu ando procurando onde, \_\_pra mim\_\_, está o centro da distinção entre homens e mulheres, qdz, quais são os aspectos do “mundo masculino” que fazem com que meios masculinos sejam um pesadelo pra mim...

Nos últimos dias eu andei tentando pensar em termos do que seria “energia masculina” e “energia feminina”, principalmente em termos de tipos de desejo, modos de se relacionar com o próprio corpo e com os dos outros... e andei começando a catar coisas que eu li há anos atrás num livro do Reich (o “A função do orgasmo” - bem interessante), num sobre Tantra (que eu não tive paciência pra tentar reler), em livros clássicos de psicanálise que eu nunca tinha lido antes (que gente doeeenteeeeeeee esses psicanalistas!!!), e vi que tem boas coisas no “O segundo sexo”...

Uma idéia-chave (pra mim): um princípio do “masculino” é o “lavou, tá novo”; um do feminino é que é preciso cuidar e prestar atenção, porque tem muita coisa que se for quebrada não dá pra consertar depois.

Lendo os livros dos psis idiotas eu vi uma coisa recorrente, super interessante... “pênis” é automaticamente associado a “poder” e “prazer”; é como se todas as mulheres fossem intercambiáveis e não houvesse muita diferença entre transar com a que você ama muito e uma que é só espólio de guerra pra estuprar... ou seja, é como se a \_\_qualidade\_\_ de conexão com o outro não fosse importante... e eu ando com a sensação de que essa obsessão por definir qual é o nosso “tipo”, se a gente é hétero ou gay ou o quê, tem um pouco dessa idéia de que as pessoas-nossos-objetos-de-desejo são intercambiáveis, que a gente pode tranquilamente se livrar de uma e arranjar outra do mesmo tipo...

Claro que isso que eu tou descrevendo é exatamente o oposto de como eu funciono.. pra mim a qualidade da conexão com a outra pessoa é o que mais importa, e lidar com o genital, ou até só com o físico, às vezes é tão complicado que é melhor deixar isso pra lá, ou pra depois - e daí o que eu vivo dizendo e as pessoas não entendem, que é que “sexo estraga tudo” (muitas vezes), e que muitas vezes a gente tem relações sem sexo muito mais fantásticas do que outras com...

Desculpa se tá bagunçado, né, eu avisei que isso eram coisas que eu ainda tou longe de conseguir escrever direito. =)

Beijos,

E.

P.S.: ah, “mulheres trans” invasivas, que acham que têm que ser aceitas só porque se auto-declararam mulheres e lésbicas, pra mim são homens sem

noção, e esse tipo de cara sem tato e sem noção é exatamente o tipo que eu mais tenho vontade de combater... não que eu consiga fazer muito contra esses caras por enquanto, mas o horror que eu tenho a eles é visceral.

(...)

**De:** Eu

**Para:** Silvia

**Em:** 4/maio/2015 09:00

Fiquei pensando sobre as “mulheres trans” invasivas, que pra mim são ômis vestidos de mulher...

Eu só fiquei sabendo em detalhes de um caso desses, o da Heleonora/Léo, aqui no Rio. Eu conheci elx no dia da visibilidade trans, depois um dia ela começou um chat comigo, me dando esporro do nada por eu ter uma página que ela considerava transfóbica entre os meus likes, a gente brigou, ela se recusou a ler as coisas que eu mandava e no final ela postou o link de um “EVENTO PARA VOCÊ ENCHER MEU COPO E NÃO MEU SACO!” (hosted by “Mulher sem frescura”). Eu fiquei triste, fui desabafar com uma garota trans super fofa que eu tinha conhecido no mesmo dia e por quem eu tinha ficado encantado, mas nisso eu ainda tava tentando ver a Heleonora/Léo só como alguém super equivocadx, descarregando nos outros coisas que não devia...

Depois fiquei sabendo que elx já tinha até mandado fotos do pau delx pra pessoas por chat, e que ela tava sendo expulsa de todos os grupos, massacrada, e aos poucos as pessoas que tinham prints das maluquices e grosserias dela foram até se sentindo mais à vontade pra falar delx pelo nome em lugares bem mais públicos das internets... mais um pouquinho seria com nome e sobrenome, mas não vi chegar a esse ponto. E um dia vi ela pedindo alguma recomendação de psicólogo que o plano de saúde dela cobrisse, e depois ela sumiu.

Os ômis vestidos de mulher das baladas da Unicamp são figuras que ainda são meio mitológicas pra mim... você os menciona, mas os grupos nos quais eu tou omito a existência deles por estratégia - uma estratégia da qual eu discordo. Acho que eles deveriam ser expostos e massacrados também.

Talvez a minha posição seja mais fácil do que as das mulheres trans que querem juntar todas as pessoas trans AMAB num guarda-chuva, defender todas, e esperar que apareça alguma espécie de sororidade entre elas... porque numa época eu até combati muito explicitamente a cultura do sexo casual, até com surtos meio teatrais sempre que eu achava preciso, porque essa cultura era tão hegemônica que as pessoas ridicularizam quem procurava relações de intimidade, confiança e segurança sem notarem, como se essas coisas fossem um delírio romântico ingênuo, ridículo e ultrapassado - e quando elas faziam isso elas atrapalhavam que gente como eu 1) se expusesse, 2) encontrasse outras pessoas parecidas, 3) existisse (porque eu ficava me sentido errado e doente e tentava mudar).

(...)

Ah, não, não, péra, tem mais uma coisa que eu queria falar. Enquanto as histórias dos ômis invasivos vestidos de mulher não circulam com mais detalhes cada lado faz os seus “deslizamentos” - no sentido daqui, <http://transfeminismo.com/o-banheiro-e-a-ideologia/> - e as trans pensam só nos casos mais extremos, que são poucos, e dizem que as rads estão pegando esses poucos casos e fingindo que são muitos pra espalharem transfobia...

Quando eu crescer mais um pouquinho - nas próximas semanas, espero! - eu quero ter uma terminologia mais fina pra pensar e falar sobre essas coisas, e inclusive reativar as minhas provocações antigas, que tinham uma estratégia bem séria por trás, agora me focando em que “mulher sem frescura” (vide acima) pra mim é ômi, e ômi que quer ser “mulher sem frescura” não é trans não, qdz, não no sentido que eu respeito, pra mim é ômi também. Ou, em outras palavras, sororidade com gente incapaz de sororidade é o caralho.

Beijos!

E.

P.S.: agora é que me ocorreu - e as travestis? Como ser solidário com elas, porque elas são a vanguarda do movimento e as mais oprimidas e tal... se elas são obrigadas a serem tanques de guerra, e portanto pessoas duríssimas? Bom, a resposta me veio logo depois da pergunta - as poucas que eu conheci pessoalmente são pessoas super sensíveis e fofas sempre que podem...

**De:** Silvia

**Para:** Mim

**Em:** 4/maio/2015 13:44

Eduardo, ontem eu passei o dia na rua e li seus 3 e-mails agora. Bom, que bom que você não defende esses “homens vestidos de mulher”! Gostei muito das coisas que você escreveu, mas voltando para o seu 1º e-mail, fiquei me perguntando uma coisa: a maioria das trans se incomoda com o fato de feministas radicais terem espaços exclusivos? Não entendo muito bem porque se incomodar, já que as coisas discutidas entre feministas radicais normalmente são muito específicas e podem funcionar como TW para trans: aborto, violência obstétrica, parto, menstruação, estupro, educação das crianças, direitos reprodutivos, representação da mulher na mídia estão entre as principais pautas das feministas radicais no Brasil. Acho que são assuntos tão importantes e urgentes... Também acho importantes e urgentes muitas das coisas que você diz, mas talvez não seja melhor que só trans possam opinar a respeito das causas trans? (Pergunta sincera, pois acho que uma pessoa cis não deve opinar sobre a causa trans, assim como acho que quem não tem útero não tem que opinar sobre menstruação.)

Um beijo,

Silvia

**S-c-r**

## **A princesa**

Deixa eu usar uma imagem. A sua família se muda pra outra cidade, e você vai pra outra escola. Na sua escola antiga você era só uma criança introversiva que não se relacionava direito com ninguém. Na escola nova alguma coisa deu um clique - outra criança te perguntou alguma coisa e achou as suas respostas interessantes, e em poucos dias você estava sendo convidado pra festas - na escola antiga você era esquisito por ser totalmente incompetente pra esportes; e as festas eram só uma confusão de pessoas barulhentas sendo mais barulhentas ainda, pessoas correndo pra lá e pra cá bebendo e se sacaneando, todo mundo querendo que tudo fosse como nas festas de adolescentes dos filmes americanos - mas na escola nova ser introversivo não é pecado, você foi adotado por um grupinho que às vezes se reúne pra conversar por horas, e eles sabem que as pessoas que falam menos são as que às vezes aparecem com as melhores idéias, e conjuram as melhores imagens -

Aí um dia - desculpa, tá ficando difícil escrever sem gênero, então deixa eu usar o feminino - uma das suas melhores amigas te convida pra uma festa maior, em que vai ter bem mais gente, e onde você não vai conhecer praticamente ninguém. Você acha essa amiga fascinante, ela acha você fascinante também, e ela age de forma meio protetora com você. Vocês duas entram juntas na pela porta da casa enorme cheia de gente, e naquele momento você é a amiga daquela garota, e você compartilha um pouco da aura dela, vocês são duas princesas entrando numa festa numa castelo - e a sua versão anterior, a menina tímida da outra escola, é só uma memória distante -

Eu vivi muitos anos acreditando que a vida era assim: que eu iria em algum momento encontrar a festa certa, a em que as pessoas realmente interessantes estavam, e eu entraria nela como uma princesa, e tudo funcionaria... minhas qualidades, que eram algo praticamente sem valor na escola anterior, iriam brilhar como um colar de diamantes através de um vestido leve e semi-transparente; eu seria adotada, e a versão anterior de mim, que vivia em humilhação e vergonha, se tornaria só uma memória distante.



### **Príncipe encantado**

Algumas pessoas detestam a expressão “príncipe encantado”, porque acham que “isso não existe”... eu gosto dela.

*O príncipe encantado é alguém que nos salva por mágica.* Tem uma frase que é: “qualquer tecnologia suficientemente avançada é indistinguível de mágica”... qualquer coisa que o príncipe encantado saiba fazer que esteja muito adiante do que as pessoas do nosso círculo sabem fazer é, num certo sentido, mágica. Se as pessoas do nosso círculo chamam o diferente de esquisito e de idiota, chamam o cara que não canta ninguém de viado e não sabem conversar, então quem nos entende e nos aceita e conversa com a gente é um príncipe encantado que nos salva “por mágica”.

Outra coisa legal da expressão “príncipe encantado” é a seguinte: *todas as mulheres procuram um príncipe encantado.* Ora, então os príncipes encantados, que devem ser muito poucos, vão ser disputados a tapa! Como fazer com que eles nos escolham? O que nós podemos fazer pra merecê-los, e como fazer com que eles nos avistem no meio da multidão?...

Pior ainda: e se os príncipes encantados parecerem pessoas comuns, como nós vamos avistá-los e reconhecê-los? E se eles não estiverem prontos? Se da mesma forma que nós precisamos ser salvos eles também precisam ser salvos um pouquinho? Se eles ainda são só príncipes encantados em potencial? Se eles parecem sapos?...

Como é que nós podemos virar pessoas muito interessantes e capazes de “mágica”, e nos tornarmos amigos das outras pessoas interessantes e capazes de “mágica”?

## Querelle

Quando eu tinha 14 anos abriram um cineclube perto da minha casa - o Cineclube Estação Botafogo. Eles tinham um esquema no qual a gente podia virar sócio pagando só um pouquinho por mês e aí assistir quantos filmes quisesse. Eu comecei a passar muitas tardes por semana lá.

Quando eu tinha uns 15 anos eu assisti Querelle, do Fassbinder, feito em cima do livro do Jean Genet. Até aquele momento eu nunca tinha ouvido falar nem de Fassbinder, nem de Genet.

Antes de falar do filme deixa eu explicar umas coisas sobre o mundo no qual eu vivia. Eu vivia num mundo incrivelmente homofóbico. “Viado” era só um xingamento - a gente não conhecia ninguém que fosse homossexual, e aliás eu tinha todos os indícios de que ninguém da minha família conhecia alguém que conhecesse alguém que conhecesse alguém que fosse homossexual - mas a gente passava o tempo todo fazendo todo o possível pra não “ser viado”, porque “ser viado”, mesmo que fosse durante um instante só, significava cair num abismo social sem volta, era pior do que ser um leproso e um pária, era a gente passar a merecer porrada de todo mundo a toda hora, até a gente desaparecer e apagarem todos os traços (bons) da nossa existência.

Eu sabia que esse mundo super homofóbico era um mundo de mentiras e medo. A gente vivia em alerta, sempre preparado pra reagir quando a gente fosse sacaneado pelos colegas - a gente tinha que peitar na hora a pessoa que nos desafiava e dar uns motivos que mostrassem que a gente não era viado... e, bom, esses motivos eram improvisados na hora, então claro que não eram algo nem muito profundo nem muito verdadeiro...

Vários traços meus eram “coisas de viado” - tipo eu ler muito, detestar atividades físicas, não gostar de ser escroto com os coleguinhas, e ficar mal quando me sacaneavam - então a minha situação era bem complicada, não “ser viado” me tomava muita energia.

Mas deixa eu voltar pro filme.

Todos os atores do filme são homens super musculosos, e a única personagem feminina é a Madame, a dona do bordel da cidade em que o navio do Querelle está ancorado. O Querelle, que é o personagem principal, é um marinheiro que está sempre testando sua coragem ultrapassando cada vez mais limites. Ele já vinha cometendo pequenos crimes, e ele resolve que está na hora de experimentar matar alguém pela primeira vez. Ele assalta um cara numa rua escura, mata esse cara a facadas, e logo depois resolve experimentar algo que é um tabu dez vezes maior que o assassinato.

O bordel da cidade tem uma regra que todo mundo conhece. Quem quiser transar com a dona do bordel tem que jogar dados com o marido dela, que é um cara negro enorme. Se o cara ganhar nos dados ele transa com a dona do

bordel, e se ele perder ele tem que dar a bunda pro marido dela.

O Querelle vai no bordel, diz que quer transar com a Madame, joga dados com o marido dela, e rouba nos dados - ele roda um dos seus dados pra ele dar um valor menor, pra *perder* no jogo.

Assistir Querelle me fez repensar toda a minha noção de coragem... e, além disso, o filme quase que dava uma fórmula, em dois passos, pra se a gente quisesse sexo homo: 1) seja incrivelmente corajoso, 2) vá pro submundo.

Eu até hoje ainda não sei qual seria uma “fórmula” correspondente pra quando a gente sonha em poder deitar a cabeça no colo do nosso melhor amigo.

## O pitbull

Eu estava voltando pra casa. Era um fim de tarde, hora do rush, e tanto a rua quanto a calçada estavam lotadas. Nessa época um dos assuntos mais discutidos, e que sempre aparecia nas manchetes dos jornais, era o que fazer com os pitbulls. Eles eram os cachorros preferidos dos “pitboys”, que eram uns garotos ricos mimados e vândalos que viviam em academias, e que eram hipermasculinizados e que sempre que podiam se metiam em brigas. Já tinha tido uma meia dúzia de casos em que os pitbulls dos pitboys tinham atacado e mutilado, ou até matado, pessoas, e havia uma campanha em andamento pra tornar pitbulls ilegais, exigindo que eles fossem todos mortos, ou que pelo menos proibissem andar com pitbulls na rua ou tê-los em casas que tivessem crianças.

Então, nesse dia eu estava voltando pra casa, andando por uma calçada hiperlotada de gente, e eu vi que ao lado de uma banca de jornais tinha um espaço praticamente vazio - e nesse espaço tinha um garoto e uma garota, de algo entre 12 e 15 anos, provavelmente irmão e irmã, conversando casualmente entre si, e entre os dois o cachorro deles: um pitbull.

“Dois adolescentes com um pitbull”... nessa época isso normalmente seria algo apavorante, mas os dois tinham um ar tão frágil, eram super sensíveis, super atentos, e o cachorro deles, um pitbull só um pouquinho mais velho que um filhote, olhava pra todo mundo com uns olhões enormes, tristes, doces e carentes, e tentava exprimir, não só com os olhos mas com o corpo todo, algo como “ei, ei, por favor, por favor, vem brincar comigo, eu não vou te fazer mal nenhum!”... e umas poucas pessoas até faziam contato visual com o cachorro e olhavam ele nos olhos um instante, mas todo mundo, absolutamente todo mundo, evitava ele por medo, e então ali, no meio daquele semi-círculo colado na parede cinza de uma banca de jornais, tinha um cachorrinho doce e carente fazendo toda a força pra parecer que tinha metade do tamanho que tinha, e ele sabia que ia ter que ser o mais fofo *possível* pra que alguém chegasse perto, mas ainda não estava funcionando, ele teria que ser ainda *muito* mais doce, mais puro, mais sincero... e ele continuava tentando...

Essa cena - essa imagem - nunca me abandonou. Pra mim isto é exatamente o que é ser homem - aliás, melhor, *andar dentro* de um corpo masculino - num país machista. A gente fala sobre *privilégio masculino*, mas, bom, privilégio masculino quer dizer principalmente você poder ser estúpido com as pessoas e elas sempre te desculparem - porque elas sabem que você é um animal irracional que não sabe se controlar.

Existe um papo de que o que as mulheres procuram e valorizam são os homens sensíveis. Isto só é verdade até um certo ponto.

Deixa eu voltar pra história do pitbull mais um pouco. A gente tem esse

cachorrinho que está fazendo tudo, absolutamente tudo que pode pra merecer que algum dia um “príncipe encantado” apareça e faça carinho na cabeça dele por cinco segundos. Mas o que acontece se vários anos se passam e ninguém se aproxima? Se todo o esforço pra sinalizar pro mundo o quanto a gente quer ser fofo é em vão? A gente gastou um tempo praticamente infinito polindo nossos corações, examinando nossos pensamentos e devaneios, procurando cada coisinha que poderia parecer um gesto bruto, e tentando curar cada migalha de brutalidade por trás, e trocá-la por atenção e cuidado...

Então: imagina que os anos se passam e a gente ainda é visto e tratado por absolutamente todo mundo como um pitbull. Nossa doçura e nossa esperança se desgastam, e dão lugar à amargura... e todo mundo em torno da gente diz pra gente, com as melhores intenções, coisas como: “mas você é um pitbull! Aproveite a sua pitbullzice! Se divirta...”

## **Armadura**

A coisa mais impressionante que aconteceu quando eu comecei a terapia hormonal foi quase imediata - eu tomei os remédios, fui dormir, e acordei diferente. Antes meu tórax era um bloco rígido, como uma armadura... muitos músculos meus estavam tão rígidos há décadas que eles não mandavam nenhuma informação pro meu cérebro - eles não mudavam nunca, não havia nada pra mandar. Quando eu acordei tinha, sei lá, 20, 50, 100, 200 músculos que era como se eu não tivesse antes, e que passaram a ter mobilidade e sensibilidade. Era enlouquecedor, mas era fantástico.

Eu ainda estou tentando pôr direito em palavras porque é que às vezes, principalmente quando eu tinha cerca de 20 anos, eu cruzava o olhar com alguém na rua durante um ou dois segundos e o olhar dessa pessoa me salvava o dia. Olha esta idéia daqui: podia ser que eu sentisse que com aquela pessoa eu poderia tirar a armadura. Essa pessoa me dava um vislumbre, e aí eu conseguia imaginar - aliás, planejar - um futuro no qual eu não precisaria mais viver de armadura...

O que aconteceria se eu afinal conseguisse me aproximar de uma pessoa dessas e me abrir com ela? Acho que eu explodiria, eu diria “obrigado” e “que alívio” e que eu procurava algo assim sem conseguir encontrar, e eu começaria a chorar - mas isso é tão perigoso, né, porque aí provavelmente a outra pessoa iria me achar um chato, dependente, descontrolado...

Garimpendo nos meus cadernos de anotações eu encontrei esta frase: uma armadura de espinhos que protege o meu coração.

## O espelho

Eu me perguntava a toda hora: “será que o que eu estou fazendo é *de verdade?*” - e com isso eu tive que procurar algum critério pro que seria “de verdade”, até porque eu sempre tive uma vizinha na minha cabeça dizendo que nada do que eu fazia era verdadeiro o suficiente ou bom o suficiente, que tudo que eu fazia era ridículo, que tudo meu tinha defeitos gigantes -

Agora eu acredito que a gente vive uma farsa quando a gente precisa de cada mais energia pra sustentar o que a gente acredita que é; quando os nossos pilares de sustentação vão ficando cada vez mais frágeis e há cada vez mais situações e memórias que a gente precisa evitar. A “verdade” seria o oposto disso: a gente está ficando mais verdadeiro quando a gente consegue se comunicar com cada vez mais gente, ouvir as pessoas melhor e pensar junto com elas, mesmo que a gente tenha mais dúvidas que certezas; *e quando a gente tem acesso a cada vez mais memórias*. Viver uma farsa é ter que bloquear memórias e pensamentos; ser verdadeiro é não precisar bloquear, mesmo que a gente precise às vezes atribuir significados e explicações novos para memórias antigas.

Depois que eu saí do armário eu lembrei de uma memória muito forte da minha adolescência, que estava enterrada, esquecida. Teve um período de uns dois anos no qual toda vez que eu via o meu reflexo num espelho isso estragava o meu dia - então eu andava pela rua com muito cuidado com pra onde eu olhava, e eu mantinha tapado com papel pardo o espelho do meu banheiro (eu tinha um banheiro só pra mim lá na casa dos meus pais).

Acho que quase todas as pessoas trans sempre se viram como alguém do gênero oposto ao sexo biológico... mas eu não sou assim, porque eu nunca *me via* direito - eu sempre fazia o possível pra que o meu aspecto físico fosse algo muito secundário, quase irrelevante.

Agora, depois que eu comecei o tratamento hormonal, eu consigo olhar pra mim.

# Antigos



## **Daniel e Iniciativa**

(5/maio/2013)

Nas discussões sobre assédio e estupro que eu vejo eu sempre tenho a sensação de que falta alguma coisa. Nos últimos dias algumas idéias sobre o que falta começaram a ficar mais claras pra mim - vou tentar escrever o INÍCIO disto agora, mas não sei se vai dar pra escrever tudo de uma vez.

Durante dois anos, quando eu tava no fim da graduação e no início do mestrado, o meu melhor amigo era um cara chamado Daniel. Uma vez ele me disse isso aqui:

“Cara, se eu tivesse com as minhas amigas um décimo da intimidade que você tem com as suas eu já tinha comido elas há muito tempo.”

Volta e meia eu me lembro disso - e de outras coisas que ele dizia - com horror e nojo. Esse tipo de macheza dele, aliás, teve a ver com o que fez com a gente se separasse, mas vou deixar isto pra depois.

Então: o Daniel não PODIA ter mais intimidade com as amigas dele, porque elas sabiam que ele estava sempre esperando a oportunidade de poder agarrá-las.

Pro Daniel as coisas funcionavam assim: quando duas pessoas estão dando mole uma pra outra em algum momento alguma “toma a iniciativa”. Aí elas se beijam. Se der certo, depois elas trepam.

Se uma amiga do Daniel deixasse de ser defensiva com ele ele poderia achar que ela “estava dando mole pra ele”, e ele “tomaria a iniciativa”.

Vou chamar a posição do Daniel de “posição de predador”.

Quando os nossos amigos são predadores em potencial a gente tem que tomar muito cuidado com eles. Se a gente diz que gosta deles eles podem interpretar isto como uma espécie de “dar mole”, e aí eles podem ficar - deixa eu usar um termo do próprio Daniel aqui - “apaixonados”; eles ficam viajando em expectativas delirantes, sobre as quais eles não conseguem conversar - e eles entram num modo de funcionar em que eles começam a pensar o tempo todo se podem tomar a iniciativa ou não. É difícil tirá-los disso, e o único modo óbvio é cortar essas expectativas, “dar um fora” neles. Isso magoa, e não queremos fazer isto, então não podemos nem dizer muito abertamente que gostamos deles.

Uma coisa que vale a pena pensar é: porque é que os Daniéis acham que a única coisa realmente concreta numa relacionamento, o ápice de tudo, a finalidade última de todas as tentativas de aproximação, e o que as pessoas mais almejam - é sexo?

Essa pergunta é central sim, mas me toquei de que a gente pode pensar sobre ela melhor ainda se a gente for por uma outra direção.

Eu faço um esforço enorme pra sinalizar pra todo mundo que eu não compactuo com machezas, que os meus valores são outros, que eu até já perdi empregos por ser incapaz de lidar com machezas, e tal. Mas isso só funciona parcialmente.

Em algumas épocas eu acho pessoas muito mais fascinantes do que eu deveria. É meio perturbador pra mim e pra elas, e é bem possível que eu olhe pra elas de modos incômodos. Mas não sei direito, é difícil conversar sobre isto.

Eu trabalhei a minha vida toda pra não ser visto como um “predador” - ou seja, como alguém insensível e perigoso com quem é impossível conversar. Eu sei mais ou menos os porquês disto: porque eu sei que num mundo cheio de Daniéis as minhas carências mais importantes são impossíveis de satisfazer. Por exemplo - vou ter que usar termos curtos - intimidade, confiança, poder pensar junto sobre coisas difíceis, poder conversar sobre inseguranças.

O que me intriga é porque é tão difícil ser reconhecido em meios mais heteros - que são meio novidade pra mim, porque passei mais de 10 anos afastado deles - como alguém que não vai ser um “predador” de jeito nenhum. Quando eu quase só andava com lésbicas e gente trans era mais fácil.

O que eu saquei nos últimos dias - pode ser uma idéia ingênua e pode ser viagem, mas achei que valia a pena compartilhar - é que o problema tem a ver com *privilégio*. Por mais que eu não *queira* ser um predador eu *posso* ser um predador. Vou explicar: PODE SER que o meu discurso seja só pose; um Daniel que soubesse passar uma aura de confiabilidade como a que eu tento passar usaria isso pra comer todas as amigas dele - e o tal “privilégio” está em que no mundo hetero as pessoas acreditam que os homens sempre têm Daniéis dentro de si, e uma manifestação do Daniel Interior é algo tão normal que ninguém pode ser muito culpado por isto.

Várias tentativas das mulheres dizerem que elas são seres sexuais também, com desejos próprios e tal, são postas em termos correspondentes a estes: uma mulher com desejos pode a qualquer momento revelar o seu Daniel Interior.

Eu sempre tive muito problema com essa história de “iniciativa”. Uma das coisas que mais me levou à beira do suicídio quando eu era adolescente foi uma amiga minha, por quem eu era muito apaixonado, me pondo sempre contra a parede e me mostrando que eu deveria tomar a “iniciativa” - mas aquilo era algo totalmente alienígena à minha personalidade, e das poucas vezes que eu tentei tomar algo parecido com essas iniciativas foi patético.

Aos poucos bem depois eu fui conseguindo relações baseadas em outros tipos de aproximação que não tinham nada a ver com essa “iniciativa”. Mas deu muito trabalho.

## **História de T**

(29/dez/2014)

Deixa eu contar uma história do meu tempo de muita testosterona - aliás, melhor, do tempo em que eu vivia envenenado por testosterona. Vou contar só uma delas, porque esse tipo de coisa acabava acontecendo tipo uma vez a cada dois anos.

Primeiro um pouco de contexto. Em 2001 eu estava no meio do doutorado, estudando pelo menos umas 12 horas por dia, e pensando nos meus assuntos de pesquisa quase o tempo todo, até quando eu dormia. Eu tinha um bocado de tempo “livre”, e eu aproveitava pra fazer aulas de coisas como circo - acrobacia aérea - e Tai-Chi, pra eu ter mais energia e não enlouquecer.

Pois bem. Até alguns anos antes disso a minha estratégia de vida era baseada em eu ser magro e frágil e ser covardia alguém me bater; ou, em outras palavras, em os caras fortes nunca me verem como alguém que competia com eles.

Eu nunca soube lidar com as babaquices machistas que os caras falam pros outros amigos babacas machistas rirem, e em 2001 eu comecei a pensar o seguinte: alguém tem que começar a mostrar pra esses caras que nem todo mundo acha essas babaquices engraçadas - e como ninguém mais tá fazendo isso, porque não tem ninguém mais sentindo muita necessidade de fazer isso, esse alguém vai ter que ser eu.

A gente acha que Tai-Chi deixa as pessoas calmas, mas no meu caso não foi bem assim - Tai-Chi me deixou poderoso, controlado e preciso.

Eu vou contar a história da segunda vez em que eu “fiz alguma coisa”.

Era 2004, acho, e eu e umas dez outras pessoas passamos meses preparando um evento de Software Livre. O evento ia acontecer num domingo, de manhã e de tarde, num espaço cedido pelo Instituto de Física da Universidade Federal Fluminense, em Niterói, e quase todo mundo da organização morava no Rio.

No sábado de tarde eu e mais uma meia dúzia de pessoas fomos pra lá pra UFF pra instalar nos computadores as coisas que faltavam. A gente achava que ia ser fácil, mas lá ficou claro que a gente ia ter que virar a noite trabalhando... e às duas horas da manhã a gente viu que a gente ia ter que correr na casa do Diogo, num subúrbio do Rio, pra pegar o computador dele e fazer sei lá mais o quê, pra poder terminar tudo mais rápido.

A gente foi no fusca do Luís, com o Luís dirigindo, e na volta, lá pelas 7 da manhã, a gente pegou duas pessoas no caminho - dois palestrantes do evento - pra dar carona pra elas pra Niterói.

A cena que eu quero contar aconteceu no meio da ponte Rio-Niterói. No banco de trás do Fusca estávamos eu, à direita, o Diogo no centro, e à esquerda

um dos caras pros quais a gente deu carona. Não lembro o nome dele, então vou chamá-lo de O Imbecil.

O Imbecil tava falando que tudo era coisa de viado - era a única “brincadeira” que ele conseguia fazer pra socializar.

Aí ele disse que gato era coisa de viado.

Aí o Diogo disse que tinha 8 gatos.

A gente tinha acabado de passar horas na casa do Diogo com os 8 gatos.

Então. Eu já tava vendo tudo vermelho, e eu sabia que se eu não fizesse nada, se eu ficasse em silêncio e fosse cúmplice daquela idiotice, eu ia passar os meses seguintes muito mal.

Eu disse pro Imbecil que esse negócio de “isso é coisa de viado” é coisa de viado.

Eu disse que se ele tratava a gente como homens eu ia tratar ele como homem também.

Eu me debrucei por cima do Diogo, que, lembrem, era quem estava no meio do banco de trás, e apertei o pescoço do Imbecil com toda a força, e enquanto ele ficava roxo eu berrava que ele era um covarde e outras coisas, e mandava ele reagir. Eu queria ficar batendo a cabeça dele contra o vidro do carro, mas ele ficou molinho pra eu não bater muito, e não deu pra eu bater.

Não sei quanta experiência vocês têm com essas coisas, mas quem tem alguma sabe que nós somos animais - brigas são simplesmente situações de muita energia, e elas em geral acabam quando o vencedor se define, ou quando a gente resolve de algum outro jeito, juntos, essa energia toda que apareceu, e transforma essa energia de briga em outra coisa. Em brigas de cães ou de ursos, por exemplo, raramente alguém se machuca muito - a briga termina antes. Com humanos é assim também, em geral.

Aí a gente chegou no evento, e as pessoas ficaram sabendo dessa história, em várias versões - algumas pessoas até perguntaram pro Imbecil o que eram aquelas marcas de unha no pescoço dele - e claro que não aconteceu nada comigo... primeiro porque a história era engraçada e exótica o suficiente pras pessoas ficarem à vontade de ficar do meu lado ao invés de do lado do Imbecil, e segundo porque o traço principal do universo masculino, pelo menos aqui no Brasil, é o direito à babaquice. Essa foi uma das poucas vezes nas quais eu exerci o meu direito à babaquice ao invés de ficar sempre tentando pateticamente ser racional e respeitável, e foi incrível!...

Essa história é uma das mais preciosas que eu tenho entre as minhas memórias. Desculpem, eu sei que muitos de você vão ficar chocados, mas essa história é como uma pequena jóia pra mim... talvez - e isto está me ocorrendo agora - porque foi uma das pouquíssimas vezes nas quais eu consegui usar

o meu lado masculino, que em geral era tão problemático, pra fazer algo espetacular.